



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ANA PAULA PRILLA MOLOZZI

**A “DANAÇÃO” DA CULTURA EDIFICADA:
A DEMOLIÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE ERECHIM**

ERECHIM

2017

ANA PAULA PRILLA MOLOZZI

**A “DANAÇÃO” DA CULTURA EDIFICADA:
A DEMOLIÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE ERECHIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História

Orientadora: Prof.^a Msc.^a Caroline Rippe De Mello Klein

ERECHIM

2017

ANA PAULA PRILLA MOLOZZI

**A “DANAÇÃO” DA CULTURA EDIFICADA:
A DEMOLIÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE ERECHIM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.^a Msc.^a Caroline Rippe De Mello Klein

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Caroline Rippe de Mello Klein (orientadora)

Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Para meus pais Vicente e Mercedes (In
memoriam).

Meu marido Ricardo.

Meus irmãos Margarida e João Paulo.

E aos queridos sobrinhos Magalí, David e
Margiori.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mundo por mudar as coisas, por nunca fazê-las serem da mesma forma, pois assim não teríamos o que pesquisar, o que descobrir e o que fazer, pois através disto consegui concluir a minha monografia.

Agradeço também ao meu marido, Ricardo, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Sou especialmente grata à Prof.^a Msc.^a Caroline Rippe de Mello Klein pela orientação dedicada e criteriosa.

Ao meu irmão João Paulo, pelo apoio de sempre, pelas valiosas instruções e por acreditar em meu potencial.

Ao meu cunhado Givanildo pela tradução do resumo para a língua inglesa.

A Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim que me possibilitou cursar a graduação.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em História da UFFS, por partilharem de seu conhecimento e por sua persistência na árdua tarefa de formar novos historiadores.

Ao Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga pelos inestimáveis ensinamentos.

Sou igualmente grata aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font: Henrique Trizotto, Daiana Paula Varotto e Enori Chiaparini pelo auxílio nas pesquisas de documentos.

Ao Sr. Mozart Luiz Lago, a Sr.^a Gelcy Salete Cerioli Munaretto e o Sr. Theodoro Tedesco Neto por cooperarem concedendo seus preciosos relatos.

“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor e dinheiro e o sucesso nos estiverem deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.”
(Érico Veríssimo)

RESUMO

O presente trabalho surgiu pela necessidade de uma pesquisa sobre a demolição da Igreja Matriz de Erechim ocorrida na década de 1960. Procurou-se analisar como tal evento ocorreu, como a sociedade reagiu a esse episódio, quais as motivações que desencadearam essa destruição, e como esses acontecimentos estão na memória dos moradores mais antigos da cidade, visto que a Igreja teve um relevante valor simbólico para grande parte da sociedade erechinense. A não preservação deste patrimônio histórico é um fato gerador de um profundo pesar para este município. Para tanto, neste trabalho analisar-se-á o contexto da época: a fase anterior à colonização, a efetivação da Colônia Erechim e a municipalização, e o desenvolvimento de Erechim ao longo de sua história. Paralelamente à narrativa da evolução do município será exposto como foi árduo para os pioneiros desta cidade edificar a Igreja Matriz, sendo que não muitos anos depois, este templo de estilo barroco era demolido para dar lugar à nova e moderna Catedral. A pesquisa está fundamentada na análise de uma bibliografia de obras pertinentes ao tema, nos registros da Paróquia São José, em publicações diversas, e nos relatos da história oral. Os resultados dessa análise evidenciarão que o processo que culminou na demolição da Igreja Matriz foi cercado por interesses obscuros e que há muitas contradições entre a história “oficial” divulgada pela diretoria paroquial composta na ocasião do ocorrido e entre a história descrita nos relatos de entrevistas de antigos moradores de Erechim.

Palavras - chave: Igreja Matriz. Patrimônio histórico. Preservação. Valor simbólico.

ABSTRACT

The present work arose from the need for a research on the demolition of the Erechim's Mother Church in the 1960s. We sought to analyze how this event occurred, how society reacted to that episode, what motivations triggered this destruction, and how these events are alive in the memory of the oldest inhabitants of the city, since this church had a significant symbolic value for much of the local society. The non-preservation of this historical patrimony is a fact that generates a deep regret for the municipality residents. For this purpose, the whole context of the period will be analyzed: the pre-colonization phase, the Erechim Colony and the municipalization, and the progress of Erechim throughout its history. Parallel to the narrative of the evolution of the municipality, it will be exposed how difficult it was for the pioneers of this city to build the Mother Church so that, many years later, this temple of baroque style would be demolished to make room for the new and modern Cathedral. The research is based on the analysis of a bibliography of works pertinent to the theme, in the records of the São José Parish, in several publications and in oral history reports. The results of this analysis will show that the process that culminated in the demolition of the Mother Church has been curtailed by obscure interests and that there are many contradictions between the official history of the parish board composed at the time of the event and between the story described in the reports of interviews of elderly residents of Erechim.

Keywords: Mother Church. Historical patrimony. Preservation. Symbolic value.

Lista de Fotografias

Fotografia 1 - Vista geral de Paiol Grande em 1.912.	17
Fotografia 2 - Casa onde funcionou a 2ª Escola Estadual do Professor Carlos Mantovani	23
Fotografia 3 - Balsas de madeira prontas para partirem de Passo de Uva.....	24
Fotografia 4 - Uma das primeiras fotos do Castelinho, em 1917	26
Fotografia 5 - Boa Vista do Erechim na década de 20..	27
Fotografia 6 - Não 01- Atualmente Jornal A Voz da Serra, Não 2- Consulado Alemão.....	28
Fotografia 7 - Primeiro cinema. Cinema Central de Ricardo Kreische.....	29
Fotografia 8 - Hotel De Marchi, de Slvio de Marchi, 1935.	30
Fotografia 9 - Centro Comercial Saulle Pagnoncelli & Filhos, em Boa Vista do Erechim	31
Fotografia 10 - Firma Madalozzo - Madeireira. Avenida Tiradentes, em 1.940.....	32
Fotografia 11 - Lembranca da 3o Festa Nacional do Trigo	34
Fotografia 12 - Praça Júlio de Castilhos Ano: 1942	35
Fotografia 13 - Primeiro Templo Católico na Colônia Erechim.	37
Fotografia 14 - Segunda Igreja da cidade de Erechim.....	38
Fotografia 15 - Construçao da Igreja Matriz So	39
Fotografia 16 - Igreja Matriz So José.	40
Fotografia 17 - Altar-mor da Igreja Matriz So José, em 1962.....	42
Fotografia 18 - Início da demoliao da Igreja Matriz.....	52
Fotografia 19 - Parte do Cartao Postal, da década de 30.....	54
Fotografia 20 - Festa Cristo Rei	56
Fotografia 21 - Comunhao oficial de Páscoa das moas de José Bonifacio.....	58
Fotografia 22 - Igreja Matriz São José – ao lado a casa canonica.....	59
Fotografia 23 - Inauguraao da Catedral So José em 1977	66
Fotografia 24 - Sequência da Via-Sacra	67
Fotografia 25 - Altar da Catedral So José.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	12
1 UM BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE ERECHIM	12
1.1 Os primórdios.....	12
1.2 Desbravando novos rumos	15
1.3 Erechim elevado a categoria de município	21
1.4 O progresso erechinense ao longo de sua história	26
CAPITULO 2	36
2 A IGREJA MATRIZ SÃO JOSÉ	36
2.1 Construção da Igreja Matriz	36
2.2 A necessidade de reformas e a problemática da demolição	42
2.3 A questão do plebiscito	49
2.4 O valor simbólico e cultural da Igreja Matriz	53
CAPITULO 3	60
3 A NOVA IGREJA	60
3.1 A questão da demolição do patrimônio edificado.....	60
3.2 A nova Igreja.....	65
3.3 Opinião popular.....	70
3.4 As motivações para demolição da Igreja Matriz.....	74
5 CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

A questão patrimonial no contexto histórico ao qual a sociedade reporta um interesse mais evidenciado na contemporaneidade é o objeto de estudo em questão, mais precisamente a destruição de um patrimônio histórico. A ocorrência da demolição da Igreja Matriz de Erechim é um tema singular, pois indica conteúdos a serem apreciados na cultura material proveniente da produção humana, assim como da cultura imaterial, manifestada através de elementos representativos como hábitos, práticas e costumes. Este episódio também corroeu o espírito de uma sociedade, sendo que o ocorrido ainda é latente na memória de alguns espectadores.

A partir da demolição da antiga Igreja e da construção do novo e moderno templo, cunhou-se a seguinte problemática acerca dessa mudança: Quais os interesses por trás da construção de uma nova Igreja e por que foi mobilizada uma série de recursos para ser concluído tal fato?

Partindo desta premissa, este trabalho tem como objetivo analisar todo o processo que permeou a sociedade erechinense desde a destruição da Igreja Matriz de Erechim (RS) até a idealização e construção da nova e moderna Catedral, com o intuito de compreender as motivações que levaram a ocorrência de tal fato e resgatar as memórias desse passado contestado.

Dessa forma, o trabalho está estruturado em três capítulos. Logo, no primeiro capítulo é traçado um histórico da cidade de Erechim, elencando aspectos que remontam à fase anterior à colonização, mostrando como foi efetivado o processo de colonização e municipalização, e ainda o desenvolvimento de Erechim ao longo de sua história. No segundo capítulo é apresentada particularmente a idealização e edificação da Igreja Matriz de Erechim pelos pioneiros desta cidade, e de como se produziu dentro e fora deste templo uma dinâmica social. Também são evidenciados ao longo deste capítulo a necessidade de reparos na Igreja Matriz e o polêmico plebiscito que culminou na condenação da mesma. Já o último e terceiro capítulo retrata a construção da nova Igreja (Catedral) e instituição do bispado. Em um primeiro momento foi efetuada uma fundamentação teórica a respeito da demolição do patrimônio edificado, para, em seguida, fazer a descrição de como se deu a construção da Catedral, de como a população reagiu à essa nova situação e quais as conjecturas fundadas a partir deste episódio.

A construção da antiga Igreja Matriz de Erechim (RS), teve início em 04 de outubro de 1927 e a conclusão efetiva da obra se deu na década de 1940, mediante o esforço e dedicação de toda comunidade que não mediu esforços para edificação deste templo. Foram muitas as dificuldades impostas ao longo dessa empreitada: a escassez de recursos físicos e orçamentários, a dificuldade na obtenção de materiais de construção e mão-de-obra qualificada, bem como a distância da cidade de Erechim em relação aos grandes centros fornecedores desses materiais, visto que, inclusive, alguns deles foram importados da Alemanha.

Os primeiros habitantes da cidade de Erechim, assim como se empenharam na construção de sua cidade, também foram perseverantes na construção da Igreja Matriz, pois grande parte da população professava a fé católica. Ao longo de sua existência, a Igreja Matriz concentrou sob o seu teto grande parte da comunidade que ali se reunia para fazer as suas preces e a sua caminhada cristã. Assim como dentro do templo, em seu entorno também se produziu uma memória coletiva derivada às celebrações, festas religiosas ou simplesmente do fato de que a vida religiosa da comunidade estava atrelada à vida social, pois o antes e o depois das celebrações eram marcados pela tradicional parada no “Paço da Matriz”, lugar onde os fiéis travavam conversações ou simplesmente apreciavam o movimento em torno da Igreja Matriz.

A condenação e demolição da Igreja Matriz para ser substituída pela moderna Catedral gerou muitas especulações e lamentações as quais ainda persistem na memória dos moradores mais antigos de Erechim, a saudade e a incógnita que gerou esse acontecimento. Estudar a demolição da Igreja Matriz e toda problemática causada por esse episódio é uma maneira de privilegiar a memória da sociedade erechinense uma vez que, até então, muito se pressupôs acerca desse fato. No entanto, não existem pesquisas correspondentes à esta que proporcionem uma análise coerente. Assim sendo, ao produzir esta pesquisa intuiu-se que através dela a preservação do patrimônio edificado e do resgate de parte da cultura e da memória da antiga Igreja Matriz tenha uma nova significação para a sociedade erechinense.

CAPÍTULO 1

1 UM BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE ERECHIM

O título do trabalho: A “DANAÇÃO” DA CULTURA EDIFICADA: a demolição da Igreja Matriz de Erechim vem da convergência com a obra de Ramos (2004) em que o autor problematiza a “danação” dos objetos compreendidos em museus, mais que isso, o autor evidencia a necessidade de uma reflexão mais rigorosa acerca dos acervos dispostos nos museus. Para Ramos (2004) esse estudo deveria estar voltado para as diversas possibilidades e sentidos que os objetos e o patrimônio podem fornecer na formação de processos identitários. A palavra “danação” torna-se apropriada ao tema abordado quando entendida como uma condenação eterna, sendo que a demolição da Igreja Matriz de Erechim foi um fato que transcendeu a ruína imposta ao conteúdo material, ou seja, ao objeto, e que deixou suas marcas na memória dos moradores de Erechim.

1.1 Os primórdios

A cidade de Erechim é um município do Estado do Rio Grande do Sul e está localizado no extremo Norte do Estado, na microrregião denominada Alto Uruguai. De acordo com as obras *O Grande Erechim e Sua História* (DUCATTI NETO, 1981) e *Serra do Erechim: Tempos Heroicos* (ILLA FONT, 1983) foi uma das primeiras cidades brasileiras modernas planejadas. Ela foi concebida em grande medida pelo empreendedorismo e obstinação dos pioneiros que escolheram este lugar para edificar também as suas vidas. Assim como a economia, a política e a sociedade erechinense buscaram seu lugar ao sol no Estado brasileiro, também a fé católica solidificou-se nessa cidade. Neste capítulo serão apresentados dados históricos que remontam a fase anterior à municipalização e colonização oficial do então futuro município e posteriormente de como foi constituída a cidade de Erechim em todos os seus aspectos: econômicos, políticos, sociais e religiosos. De acordo com a historiografia acerca do município de Erechim que possibilita uma análise mais aprofundada, sendo que, na elaboração deste capítulo foram consultadas as obras de: Ducatti Neto (1981), Font (1983), Cassol (1979), Piran (2001), Karnal (1926), e Gritti (1997).

Discorrer sobre a história de Erechim implica em uma análise associada à história do Brasil ainda na condição de colônia portuguesa. Da mesma forma para compreender o

surgimento do município de Erechim em todos os seus níveis é necessário analisar a dinâmica do povoamento da Colônia Erechim¹. Visto que anteriormente à assinatura do Tratado de Madri² os castelhanos dominavam toda esta vasta região em função do Tratado de Tordesilhas, e em determinados locais existiam os marcos que delimitavam as regiões pertencentes aos espanhóis ou aos portugueses, ficou na memória a herança desses tempos idos em que ainda persistem as denominações a lugares como Mato Castelhana ou Mato Português. Assim afirma Ducatti Neto (1981):

A nossa terra, portanto, foi castelhana, também. Ainda persistem os nomes históricos de Mato Português e Mato Castelhana, nas proximidades de Passo Fundo, a nos lembrar os limites das duas soberanias. Mas nós estávamos ao lado castelhana e Erechim, como região já fez parte do 4° distrito de São Borja. (DUCATTI NETO, 1981, p. 21)

Essa afirmação remonta aos tempos em que o Alto Uruguai era parte integrante do município de São Borja. No entanto, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil (1808), a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul teve que se reestruturar para atender à nova condição em que o Brasil era elevado à categoria de Reino Unido ao de Portugal e Algarve. Para tanto, foram sendo criados novos municípios como o Espírito Santo da Cruz Alta (hoje Cruz Alta), e posteriormente, em virtude do Ato n° 340 que criou o município de Passo Fundo a 28 de janeiro de 1857, a região de Erechim passou a integrar o novo município, sendo denominado Alto Uruguai ou Butiá tendo sua sede Coxilha Velha e ficando designado como o 3° Distrito de Passo Fundo.

No final do século XIX e início do século XX a região do Alto Uruguai constituía uma das últimas reservas florestais do Rio Grande do Sul. Nesta região imperavam árvores seculares das mais variadas espécies como o cedro, o angico, o louro, a cabriúva, a canjerana, o tarumã, os majestosos pinheirais e a cobiçada erva-mate, além de muitas outras espécies de árvores nativas. Essa densa floresta servia de abrigo a diversos animais (hoje em extinção ou alguns já extintos). Os rios e arroios que cortavam o território apresentavam uma rica diversidade de peixes sendo que a abundância era tal que os peixes eram todos apanhados em anzóis, com muita facilidade.

Em meio a essa densa floresta que abrigava uma fauna diversa e abundante também servia de abrigo a uma população indígena, mais precisamente os Kaingangs. Eles viviam em

¹ Palavra indígena Kaingang que significa “Campo Pequeno”.

² Tratado lavrado em 13.01.1750 pelo qual a Espanha cedia a Portugal os 7 Povos das Missões da margem esquerda do Rio Uruguai em troca da Colônia do Sacramento (hoje República do Uruguai).

estado tribal, sendo que tinham uma divisão de trabalho por sexo e eram liderados por um cacique a quem deveriam prestar obediência. Habitavam em alojamentos que nada mais eram que ranchos de beira-de-chão cobertos de folhas de palmeira. Sua dieta alimentar provinha da caça, da pesca, de mel, de frutos silvestres, abóbora, milho e da colheita de pinhões.

De acordo com Font (1983):

Bravios como os Charruas, porém pedestres e seminômades, são os Kaingangs das florestas do Alto Uruguai. A esses irredutíveis e arredios, os guaranis das Missões chamam de “bugres” (ferozes), pois lhes fogem às relações e não raro os atacam como inimigos. Por isso, difícil e perigoso é penetrar e andar pela selva densa do Mato Castelhana. (FONT, 1983, p. 64)

Por um longo período os indígenas foram os únicos habitantes da região do Alto Uruguai. Entretanto, a ação dos jesuítas em todo o sul do Brasil também se fez presente nessa região e, embora haja escassez de documentos referentes a esse processo, consta que os jesuítas foram os primeiros a tentarem “civilizar” os índios destas paragens. Já no decorrer dos anos 1848 a 1881 foram fundados em torno de 20 aldeamentos na região do Alto Uruguai, sendo 4 deles (Votouro, Erechim, Ligeiro e Ventarra) situados precisamente no futuro município de Erechim. Ainda no século XVII, as bandeiras paulistas também trilharam seu caminho pelo Alto Uruguai em busca de ouro e prata. Alguns expedicionários paulistas desgarrados vieram a cruzar com os índios Kaingang, originando assim o caboclo nômade, e a estes foram juntando-se os foragidos da justiça, e posteriormente os desertores da Guerra dos Farrapos. Ainda mais tarde, o “Sertão de Erechim” veio a ser o refúgio de fugitivos da Revolução Federalista de 1893. Alguns caixeiros viajantes arriscavam-se em atravessar as densas florestas, mas sempre em meio ao medo de serem atacados pelos povos indígenas e por indivíduos fugitivos da lei.

Assim afirma Cassol (1979):

Foram, portanto, os primeiros moradores de nossas terras, das matas de Erechim, os descendentes de bandeirantes, que, vindos em busca de prata, por aqui ficavam cruzando a raça com os Kaingangs. Aos caboclos birivas se foram juntando, com o passar dos anos os foragidos da justiça. (CASSOL, 1979, p. 127)

Nesse período, predominavam as pequenas posses de terras, sendo que a população mantinha uma cultura de subsistência e com alguma criação animal. Já no final do século XIX e início do século XX, com a agricultura em crise em função dos latifúndios, o Estado prevê

como uma iniciativa necessária em prol do capitalismo o plano de colonização do Alto Uruguai, o qual consistiria na ocupação das chamadas “terras devolutas” por migrantes das Colônias Velhas e imigrantes oriundos da Europa. Para Piran (2001, p. 25), o Estado, através da colonização do Alto Uruguai, procura garantir a intocabilidade do latifúndio na Campanha e nas áreas de campo do Planalto e ainda amenizar as tensões sociais nas Colônias Velhas em decorrência da crescente população. A demarcação das terras do Alto Uruguai iniciou-se em 1904, juntamente com a abertura do traçado da ferrovia “São Paulo – Rio Grande³”, esta que tinha início na cidade de Santa Maria e atravessava o Estado fazendo ligação com o restante do país.

De acordo com documentos e com Karnal (1926) o primeiro nome dado ao local onde se situa a atual cidade de Erechim foi “Boa Vista”, isto em meados de 1903. Já com a chegada dos colonizadores estes batizaram o local com o nome de “Paiol Grande” em função da existência de um paiol de grandes dimensões nas proximidades do desvio Giareta. Vem a corroborar essa informação que em 1906 o engenheiro Marcelino Ramos da Silva, quando fazia o traçado da estrada de ferro iniciada em 1904, escreveu em sua caderneta de campo a informação de que encontrou no meio da mata os descendentes dos bandeirantes próximos a um paiol de erva cancheada e assim designou o lugar como “Paiol Grande”. É importante salientar que o nome Erechim era utilizado para designar toda vasta região que constituía o antigo Distrito conhecido como Alto Uruguai, e com a instalação da Colônia Erechim (1908) o Distrito de Erechim passou a designar o local onde hoje situa-se a cidade de Getúlio Vargas.

1.2 Desbravando novos rumos

Diante da necessidade de introduzir novos elementos étnicos na região do Alto Uruguai, criou-se em 06 de outubro de 1908 a Colônia Erechim, como 8º distrito do município de Passo Fundo. Em um primeiro momento o marco inicial do povoado Erechim estava localizado onde hoje é o atual município de Getúlio Vargas (na época sede da Colônia), sendo que a ocupação efetiva se deu em 1910 com as primeiras construções: o escritório da Comissão de Terras⁴, a enfermaria, o depósito de materiais e dois barracões para alojar os imigrantes recém-chegados.

Ducatti Neto (1981) destaca que:

³ A responsável pela construção do trecho foi a Companhia Belga “Compagnie des Chemins de Fer Sud- Ouest Brésilien”.

⁴ Órgão do Governo do Estado, responsável pela administração da Colônia na época.

Foi então que o governo do Estado, a 6 de outubro de 1908, querendo desbravar o sertão nordestino, por proposta da Diretoria de Terras de Colonização, nomeou uma Comissão de engenheiros composta do Dr. Severiano de Souza Almeida, chefe; Srs. Henrique von Schwerin, Júlio Wermingoff, auxiliares; e Cap. José Garcia Cony, escriturário, com a incumbência de demarcar a extensa gleba devoluta que hoje constitui o município de Getúlio Vargas.

Em junho de 1909, iniciaram-se os trabalhos de medição de lotes, mas foi a 15 de julho do mesmo ano que uma comissão chefiada pelo Dr. Severiano de Almeida, auxiliado pelos Drs. Joaquim Brasil Cabral, Aires Pires de Oliveira e Leopoldo de Azambuja Vilanova, depois de efetuada a demarcação, ergueu, à margem direita do rio dos Índios, a 5.587 metros da Estação de Erechim, o marco inicial da hoje bem desenvolvida cidade de Getúlio Vargas (ex-Erechim), cuja primitiva população se compunha de 36 colonos (4 famílias com 28 pessoas e 8 solteiros). (DUCATTI NETO, 1981, p. 75)

O Estado procurou assistir os colonos da melhor maneira possível, facilitando o acesso dos mesmos às novas terras e trabalhando na abertura de estradas. Logo vieram a instalar-se na Colônia Erechim imigrantes alemães, russos, franceses, austríacos e italianos. Muitos deles iam estabelecendo-se ao longo da estrada de ferro, esta que em 1910 chegava até Capoerê⁵. Assim sendo, o governo do Estado determinou a continuação da estrada de ferro sendo que de 1909 a 1911 foram construídas as estações de Erechim, Erebango, Capoerê, Boa Vista, Barro, Viadutos e Marcelino Ramos.

⁵ Localidade situada a meio caminho da atual cidade de Getúlio Vargas a Erechim. Na linguagem indígena kaingang significa “Campo das Pulgas”.



Fotografia 1: Vista geral de Paiol Grande em 1.912. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016).

A definição de que a região do Alto Uruguai constituía um vazio demográfico de acordo com as afirmações das autoridades do Estado não se confirmou. Já foi citado anteriormente neste trabalho que a referida região era habitada pelos povos indígenas, pelos descendentes dos bandeirantes e por fugitivos das revoluções de 1835 e 1893. Entretanto, para o governo, essa população era considerada intrusa e deveria legalizar suas posses de acordo com as instruções da Diretoria de Terras e Colonização. É complexo afirmar qual a postura adotada por ambas às partes, Estado *versus* “invasores”, mas segundo Ducatti Neto citando a obra de P. Rubem Neis em um artigo publicado no Correio do Povo em 30 de abril de 1968:

E no decorrer dos anos seguintes, a diretoria de Terras e Colonização sempre procurou considerar com espírito altruísta a situação desses intrusos, facilitando-lhes a legalização de seu lote ou a consecução de outros de seu interesse. O presidente do Estado, o Dr. Borges de Medeiros, em 11.10.1919, remeteu um Telegrama ao Ministério da Agricultura, onde diz, entre outras coisas: “Terras públicas no Estado, ficam zona norte, ao longo do ri Uruguai. Nessas terras encontram-se disseminados inúmeros intrusos, a maioria luso-brasileiros, cuja situação Estado está normalizando, demarcando-lhes lotes, protegendo-os, misturando-os aos colonos origem estrangeira nascidos no Estado” (Relatório da Diretoria de Terras e Colonização de 1920). (DUCATTI NETO, 1981, p. 76,77)

Dessa maneira, os antigos moradores da região, que agora constituía a Colônia Erechim, começaram a vivenciar a chegada de milhares de imigrantes que vinham anualmente do estrangeiro e outros tantos oriundos das Colônias Velhas. Até a emancipação do município em 1918, estima-se que a população atingia os 35.000 habitantes, sendo que em média haviam

entrado por ano cerca de 5.000 pessoas na Colônia Erechim. Sobre a organização do povoamento da Colônia Erechim, Font (1983) confirma:

Todo o planejamento elaborado para a execução do Projeto Colônia Erechim contava com a imigração europeia. A partir de 1911 ela se torna cada vez mais difícil. O panorama político da Europa anuviava-se sombria e celeremente. Nos anos que antecederam a guerra mundial (1914-1918) cessa quase por completo. A imigração subsidiada pelo Estado sucede a migração interna, espontânea e graciosa. Os recursos economizados por força de tal transição podem ser aplicados em obra públicas na própria Colônia. (FONT, 1983, p.95)

Os poloneses, depois do índio e do caboclo, são considerados os primeiros a chegar neste território em detrimento das outras etnias europeias, ainda quando este fazia parte do 7º Distrito de Passo Fundo. Consta que, ainda em 1900, no atual município de Áurea (antigo Treze de Maio) já havia um padre polonês prestando assistência à população nativa local. Mas só um pouco antes da Primeira Guerra Mundial que os imigrantes poloneses espalharam-se pela Colônia Erechim. Concentraram-se em sua maioria no povoado Floresta (hoje Barão de Cotegipe) e também talvez na mesma proporção no antigo distrito de Barro (hoje Gaurama). Já em 1912, os imigrantes poloneses do povoado Floresta organizaram a primeira cooperativa agrícola que foi uma das primeiras a funcionar no nosso Estado, demonstrando a ânsia dos poloneses em prosperar coletivamente. Ainda assim, foram muitos os artesãos, comerciantes, pequenos industriais e moageiros de origem polonesa que colonizaram a região da Colônia Erechim.

Os italianos, até 1918, constituíam uma minoria em relação aos poloneses na Colônia Erechim. Entretanto, quando a imigração estrangeira cessou, e a migração dos colonos das Colônias Velhas tornou-se mais intensa, a etnia italiana superou as demais. Os italianos contribuíram em todas as esferas para o crescimento da Colônia Erechim, trabalhando na agricultura, no comércio e na indústria.

Já em 1912 chegava à Colônia Erechim a primeira leva de imigrantes alemães. Muitos deles vieram a morar em Paiol Grande trabalhando na construção da estrada de ferro ou exercendo outras atividades, e outros ainda se estabeleceram em Lajeado Grande (atual município de Ponte Preta). Contudo, o maior núcleo de colonização alemã da região do Alto Uruguai foi Rio Novo (hoje Aratiba), uma vez que na época perfazia 30% da população.

Paralelamente à colonização oficial houve a colonização intermediada por empresas privadas: a Empresa Colonizadora Luce e Rosa e a empresa Jewish Colonization Association. A empresa colonizadora Luce e Rosa constituía-se em uma sociedade em que faziam parte

quatro sócios: Sr. A. Guilherme Luce, Sr. Dr. Timóteo Pereira da Rosa, Sr. Ernesto Hanssler e Sr. Dr. Hans Meyer. Já em 1919 entram para a sociedade novos sócios, os Srs. Dr. Felisberto de Azevedo e Sr. José Petry. Essa empresa recebeu do governo do Estado grandes quantidades de terra em função de uma indenização. Todavia, não satisfeitos com as terras ofertadas pelo Estado, este autorizou a empresa Luce e Rosa a realizar permutas de terras entre Guaporé e Encantado do Sul em troca de terras da Colônia Erechim. Essa negociação resultou num total de 39915 hectares de terras numa área coberta de mata virgem que foram divididos em 1279 lotes coloniais divididos nas colônias Barro, Dourado e Rio Novo. Além de demarcar e organizar os lotes, a empresa colaborou com a fundação de capelas, cemitérios, colégios e abriu diversas estradas para dar acesso às suas colônias. Pelo que consta, até 1922 a empresa foi responsável pela construção de mais de 120 km de estrada de rodagem, 110 km de estradas vicinais e 530 km de estradas para tropas.

Outra empresa de caráter privado que teve grande importância na colonização do Alto Uruguai foi a Jewish Colonization Association (ICA). Foi fundada em 1891 pelo engenheiro judeu - francês Barão Maurice de Hirsh com a cooperação de alguns judeus provenientes de Paris e Londres. Era uma entidade filantrópica que tinha por objetivo maior auxiliar os judeus que se sentiam perseguidos ou sem perspectivas econômicas e instalá-los em colônias estrangeiras. Em um primeiro momento, as atividades da ICA estavam direcionadas a ajudar os judeus da Rússia e da Romênia a fugirem das perseguições e instala-los em colônias na Argentina. Já no ano de 1902, a ICA adquire terras no Brasil, mais precisamente no município de Santa Maria, e em meados de dezembro de 1909 adquire a Fazenda Quatro Irmãos, com área de 93.850 hectares, na então recém-fundada Colônia Erechim. Os primeiros judeus que se instalaram na colônia eram oriundos das colônias fundadas pela ICA na Argentina, também da Bessarábia (Império Czarista) e da Rússia. Estima-se que entre 1911 e 1914 cerca de 350 a 450 famílias estavam instaladas na Colônia pelo intermédio da ICA. Sobre a colonização israelita de Quatro Irmãos vale notar a contribuição de Gritti (1997):

Poucos dias após a compra da propriedade de Quatro Irmãos, em novembro de 1909, o diretor da colônia Filipson, Leibovich, alertava para a importância de se selecionar cuidadosamente os imigrantes que formariam o primeiro grupo a ser instalado. “É fundamental que sejam agricultores e não artesãos que não possuem nenhum conhecimento de agricultura e que, diante das primeiras dificuldades, recorrerão à sua antiga profissão e abandonarão a colônia.” Considerava, Leibovich, que a ICA e seu sistema de colonização não estavam ainda bem conhecidos no país, e o governo não tinha ainda confiança nos israelitas, elementos novos para ele, que vão introduzir-se no país e ocupar vastos territórios. (GRITTI, 1997, p. 40)

Depois de instaladas em seus lotes (150 hectares) as famílias recebiam casa com moradia e galpão, 4.000 metros de arame farpado, 14 vacas, 4 bois, 1 touro, 2 cavalos, uma carroça, uma grade e instrumentos para o cultivo da terra. Todas essas benfeitorias custavam para os colonos cerca de sete contos e quinhentos mil réis, que podiam ser pagos para a ICA no espaço entre 15 a 20 anos, com juros de 4% ao ano. Os imigrantes logo prosperaram e instalaram uma escola, uma sinagoga, vendas, armazéns, hospital, lojas, matadouro e açougue. No entanto, com a Revolução de 1923⁶, muitos intrusos que se intitulavam revolucionários extorquiram tudo o que os colonos possuíam (gado, dinheiro, produtos coloniais e utensílios domésticos) e os colonos debandaram para Argentina. Por volta de 1926 a ICA trouxe mais famílias judias originárias da Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e Rússia Branca, assim dando um novo impulso na Colônia. Mas quando sobreveio a revolução de 1930⁷, novamente os colonos judeus vieram a sofrer com as frequentes invasões e furtos em suas propriedades e, juntando a queda dos preços dos produtos agrícolas, o desânimo tomou conta dessa população, o que ocasionou no deslocamento de grande parte dos moradores da Colônia para outras localidades.

É válido salientar que a ICA contribuiu em muito para a prosperidade da Colônia Erechim, construindo 500 km de estrada, diversas escolas e sinagogas, mais um ramal de 18 km de estrada de ferro ligando o núcleo de Quatro Irmãos a Erebangó, tendo locomotivas e vagões próprios. Com o tempo, a empresa retirou-se do Estado, removendo a estrada de ferro e vendendo o trem.

Independente da nacionalidade ou da religião, todas as famílias que se instalaram na Colônia Erechim vieram em busca de uma nova vida, de prosperidade e de paz. O próprio Estado compreendia que a fundação da Colônia Erechim deveria ser orientada pelos moldes positivistas⁸, já que o mesmo fundamentava a ideologia do Partido Republicano Rio Grandense (PRR). Ducatti Neto (1981) menciona que:

⁶ Foi o movimento armado ocorrido durante onze meses daquele ano no estado do Rio Grande do Sul Brasil, em que lutaram, de um lado, os partidários do presidente do Estado, Borges de Medeiros (Borgistas ou Ximangos, que usavam no pescoço como distintivo ou característica o lenço branco) e, de outro, os revolucionários, aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil (Assisistas ou Maragatos, que usavam no pescoço como distintivo o lenço vermelho).

⁷ Foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o Golpe de 1930, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha.

⁸ O positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no começo do século XIX e seu maior idealizador foi Auguste Comte. O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. De acordo com os positivistas somente pode-se afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos.

Os relatórios de 1912 e 1913 falam dos estudos que já estavam sendo realizados para a nova cidade. Apesar da proibição, em 1913, já havia ali 41 casas construídas. O relatório de 1914 diz: A sede geral da Colônia Erechim em Paiol Grande, será o primeiro caso, neste Estado, do estabelecimento de uma cidade com projeto previamente estudado. A sua situação e a sua instalação ordenada a tornarão, certamente, uma bela cidadezinha futura, cujo nome, Paiol Grande, deve ser trocado por um outro menos prosaico. (DUCATTI NETO, 1981, p. 79)

Havia todo um cuidado na elaboração do projeto da Colônia Erechim por parte dos responsáveis à frente da Comissão de Terras, principalmente por Carlos Torres Gonçalves, que presidia os projetos de colonização e também a organização do esquema administrativo, os trabalhos de colonização e urbanização, de forma que havia toda uma logística entre o tamanho e a distância das áreas destinadas aos lotes rurais para as áreas com projetos de urbanização (CASSOL, 1979, p. 113).

Como até então a sede da Colônia estava localizada no atual município de Getúlio Vargas (na época levava o nome de Erechim), os colonos que vieram a fixar suas residências neste local não desejam a mudança da sede para Paiol Grande. Assim passou a coexistir uma rivalidade entre as atuais cidades de Erechim e Getúlio Vargas. Isso porque a segunda queria continuar sendo a sede da Colônia, e se assim fosse depois da emancipação, continuaria sendo a sede do município e também mais tarde não queria abdicar ao nome de Erechim, este que cada uma das localidades queria ter o direito. Mas o destino da Colônia Erechim já estava traçado, e a sede desta deveria obedecer a um projeto coerente, em que a localização fosse central em relação às glebas colonizadas, e ainda este sendo o ponto mais alto da região. Dessa maneira, no dia 20 de abril de 1916 foi transferida a sede administrativa da Colônia Erechim para Paiol Grande.

1.3 Erechim é elevado à categoria de município

Em meados de 1917, em comum acordo com a população o Major Cândido Cony recomendou a deliberação entre a comunidade para lançar a proposta de emancipação de Erechim. Assim sendo, foi estabelecida uma comissão para angariar em toda a Colônia adesões de moradores os quais redigiram o memorial que apresentaria as pretensões de emancipação ao Sr. Presidente do Estado. A comissão era composta dos seguintes cidadãos: Major Cândido Cony, Edmundo Pereira Paiva, Emílio Rubbo, Manoel Fabriciano de Borba, Paulo Klescheki e Sr. Albano Albino Stumpf (DUCATTI NETO, 1981, p. 25). O documento foi entregue ao Sr. Presidente do Estado em fins de agosto de 1917. Este documento

demonstrava toda a pujança da Colônia e o potencial econômico, de modo que Ducatti Neto (1981) aponta que:

Interpretando os sentimentos dos habitantes do então oitavo distrito de Passo Fundo, a comissão descrevia a prosperidade da nóvel Colônia, sua produção, fácil escoadouro dos produtos pelas nove estações ferroviárias, comércio e indústria já adiantados, seu desenvolvimento agrícola, sua população e extensão territorial e a renda de que dispunha superior a oitenta contos de réis, suficiente para um município em formação e acima da receita de muitos outros municípios do Estado. (DUCATTI NETO, 1981, p. 26)

Enquanto o requerimento de emancipação tramitava no Conselho Municipal de Passo Fundo, a Colônia Erechim avançava rumo ao desenvolvimento. Em fins de 1917, Paiol Grande ascendia a uma população de 872 habitantes, contando com 140 prédios, 21 casas comerciais e tantas outras de prestação de serviços. Ainda neste mesmo ano, para enriquecer a vida social e promover novas formas de lazer para os moradores, o Sr. Frederico Reichmann inaugurou o Cinema Gaúcho, estabelecendo-o na residência da viúva Hermann, na época localizada na Rua Joaquim B. Cabral esquina com a Rua Ângelo Emílio Grandó.

Para contribuir com a educação das crianças e jovens de Paiol Grande, chegava nesse mesmo tempo à sede do Distrito, o professor Carlos Mantovani. Este era proveniente das Colônias Velhas, onde havia exercido o magistério público. Era natural da Itália e de lá trouxe consigo uma vasta gama de conhecimentos, visto que lá havia frequentado diversos estabelecimentos de ensino. Logo após a sua chegada, é providenciada a construção de sua pequena casa de madeira (atual residência da família Rigoni, em frente ao Edifício da Câmara Municipal) e ali instala sua escolinha mista, onde muitos alunos passarão por seus bancos escolares.



Fotografia 2: Casa onde funcionou a 2ª Escola Estadual do Professor Carlos Mantovani, construída por volta de 1922 na Av. Presidente Vargas 112. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Naqueles tempos, na Colônia praticamente não havia uma rede escolar pública. As três aulas ofertadas eram uma no Povoado Erechim, chamada de “Aula Federal”, uma no povoado Marcelino Ramos, e a então recente Escola Mista do Professor Mantovani, em Paiol Grande. Entretanto, havia alguns estabelecimentos de ensino particulares, estes geralmente dirigidos por entidades religiosas ou então por iniciativa dos colonos que, ao fundarem sociedades de caráter recreativo e cultural, acabavam agregando a fundação de escolas que atendessem aos seus filhos com a possibilidade de praticarem o idioma falado em sua terra natal.

O setor econômico era um forte propulsor para a emancipação de Erechim. As serrarias (chamadas de engenhos) tiveram o seu tempo áureo que durou aproximadamente meio século. Os grandes pinheirais eram derrubados na floresta e divididos em toras que eram arrastadas por juntas de bois até as serrarias, e daí em diante sofriam as transformações necessárias ao consumo do homem. Primeiramente, as serrarias atendiam a demanda para a construção de casas na Colônia; mais tarde, a madeira era destinada à exportação. A madeira era transportada em trem nos vagões-plataforma ou por via fluvial, pelo rio Uruguai, onde nas suas margens foram fundados portos que escoavam a madeira até San Thomé e Passo de Los

Libres, na Argentina. Esse transporte fluvial era complexo e perigoso, pois consistia na construção de grandes jangadas utilizando toras e pranchões superpostos que serviam de estrado sobre o qual era empilhada a madeira. As jangadas carregadas de madeira eram enfileiradas e amarradas umas nas outras nas margens dos pontos de embarque e aguardavam o ponto de balsa. Quando o rio atingia a marca propícia, a carga era posta em movimento. Muitas vezes as corredeiras e os empuxos faziam as balsas soltarem-se umas das outras e iam de encontro aos barrancos ou ilhotas ou desciam rio abaixo sem destino.



Fotografia 3: Balsas de madeira prontas para partirem de Passo de Uv, para San Thomé, na Argentina. A durao da viagem era de 7 a 12 dias. Década de 30. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Outro produto de grande relevância para a economia da Colônia era a erva-mate. Essa planta, que já era consumida pelos indígenas, passou a ser apreciada pelos imigrantes e veio a trazer novos rendimentos para as propriedades, pois apresentava uma fonte de renda imediata já que muitos bosques de ervais se encontravam em meio às florestas. Font (1983) relata o seguinte cenário:

No relatório sobre a Colônia, relativo a 1910, o Diretor de Terras e Colonização referia que os imigrantes, assim que instalados passaram a fazer uso da erva-mate, cuidando com desvelo as plantas encontradas nos lotes e procurado obter o maior número de mudas que podiam para aumentar o resultado “que essa útil planta lhes traria a cada ano em sua colheita, buscando assim uma fonte especial e fácil de crescerem seus rendimentos”. (FONT, 1983, p. 117)

Com a intensificação do plantio de ervais, a erva-mate atingiu uma excelente qualidade e veio a ser um produto de exportação para os mercados tradicionais do Prata. É difícil associar dados específicos para a época de quantidades exatas, entretanto, no quadro de exportações da Colônia, ainda em 1914, a madeira aparece em primeiro lugar, com 35%; seguida da erva-mate, com 18%; o milho, com 14%; a banha, com 8%; e o feijão, com 7% (FONT, 1983, p. 115). Tais registros sugerem que a agricultura se desenvolvia gradualmente e mesmo já existindo algum tipo de indústria de produtos suínos na região, ao passo que a criação de suínos também mereceria destaque.

Mediante a aspiração de emancipação dos moradores de Erechim apresentada ao Sr. Presidente do Estado, no último dia do mês de abril de 1918, a Colônia Erechim é elevada a Município pelo Decreto nº 2.342, sancionado pelo presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros. A sede do novo município é estabelecida em Boa Vista, outrora “Paiol Grande”. O município passa a integrar a Comarca de Passo Fundo, e será nomeado um intendente provisório até a realização das eleições de intendente e conselheiros municipais. O novo município possui 38.526 habitantes, destes 5.590 distribuídos na Vila e povoados, e 32.936 residentes na zona rural.



Fotografia 4: Uma das primeiras fotos do Castelinho, na época sede da Comissão de Terras, em 1917. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016).

A instalação da Municipalidade realizou-se no Edifício da Comissão de Terras no dia 18 de junho, com a presença do intendente de Passo Fundo, Coronel Pedro Lopes de Oliveira e Modesto Silva, representando o Conselho Municipal. Como intendente provisório assumiu o Dr. Ayres Pires, que comemorou juntamente com os munícipes em um festivo churrasco ao meio-dia e baile à noite, realizado no prédio de madeira em construção da firma Saulle Pagnoncelli e Filhos (Economia do Povo).

1.4 O progresso erechinense ao longo de sua história

O novo município agora necessitava organizar sua administração municipal e montar os órgãos estaduais de Justiça, Fazenda e Polícia. De tal maneira que foram criados o 1º Distrito com sede na Vila, o 2º no Povoado Erechim e o 3º no Povoado Marcelino Ramos, nomeando intendentess para cada distrito. Foram nomeados secretário e tesoureiro para auxiliar na intendência. Para delegado de polícia foi nomeado João da Fonseca Paim e assumiu o Juizado Distrital como titular o advogado Henrique Continentino Córdova, e ainda são nomeados os escrivães: Arthur Guedes, escrivão do cível e crimes; Paulo Damasceno

Ferreira, escrivão de órfãos e ausentes; João Evangelista Couto, escrivão do registro cível; Jacinto Franco de Godoy, notário. O Sr. Reno Coitinho é nomeado oficial de Justiça (FONT, 1983, p. 129). Ainda é instalada a Coletoria Estadual, nomeando o coletor Celestino A. de Souza Franco, assessorado por um escrivão e dois guardas fiscais.



Fotografia 5: Boa Vista do Erechim na década de 1920. No fundo vê-se o antigo Colégio São José, dirigido pelas Irmãs Franciscanas. À direita se destacam duas casas de madeira: a casa Oito e a Igreja Episcopal Brasileira. No centro está construído o prédio de madeira da Comissão de Terras, hoje, popularmente chamado Castelinho. Vê-se a Praça da Bandeira, que antes se chamava Praça Cristóvão Colombo. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016).

Como já foi evidenciado no decorrer deste trabalho, a população erechinense era composta por um misto de povos de descendência europeia, pelos caboclos e indígenas que já residiam neste local anteriormente à chegada dos imigrantes da Europa e das Colônias Velhas. Embora a população estivesse focada no trabalho e desenvolvimento particular e coletivo, também buscavam formas de lazer nos momentos vagos. Os primeiros esportes praticados nos primórdios da colonização eram o turfe⁹, e o jogo de bochas, fato devido à predominância do elemento luso-brasileiro e ítalo-brasileiro. A população ainda na época do povoado Paiol Grande, assistia das raias com entusiasmo as carreiras de cancha reta, apostando em seus

⁹ É o nome do esporte britânico que promove e incentiva corridas de cavalos. É um dos esportes mais tradicionais do mundo. Envolve a criação e treinamento do cavalo, competição e apostas.

cavalos preferidos. Igualmente gostavam de assistir em redor das canchas as equipes que disputavam os jogos de bochas. O jogo de bochas ainda se evidencia no interior do Estado, já as corridas de cavalos são um esporte de menos destaque e regularidade, exceto na capital do Estado.

Mas a divulgação de um novo esporte logo fez a população de Erechim tomar gosto por ele: o futebol. Em 18 de agosto de 1924 foi fundado em Boa Vista do Erechim o Ypiranga Futebol Clube, este que por várias ocasiões trouxe orgulho para a população do município, conquistando títulos e ainda por construir nos anos 60 o maior estádio olímpico do interior gaúcho, com capacidade para um grande público. Outros clubes esportivos também trazem orgulho para o povo erechinense: o Esporte Clube 14 de Julho (fundado em 20/11/1936), e o Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, fundado em 1937 (DUCATTI NETO, 1981, pp. 149-152).

O Clube do Comércio, de acordo com Ducatti Neto (1981, p. 154) foi fundado em 1930, é uma das entidades sociais mais antigas e tradicionais de Erechim, sendo que em seu salão a sociedade tem um lugar elegante e ilustre para frequentar bailes e festas. Ao longo dos anos surgiram muitas outras entidades sociais e culturais em Erechim, tais como: Piscina Clube, Clube Esportivo e Recreativo Caixerai, Lions Clube, Associação Cultural e Esportiva Rotary Clube, e muitas outras entidades tradicionalistas e culturais, como bandas, orquestras e grupos folclóricos.



Fotografia 6: N° 01- Atualmente Jornal A Voz da Serra, N° 2- Consulado Alemão. Ano: 1934. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016).

A vida social do erechinense não se limitava aos clubes esportivos e sociais. Ducatti Neto (1981, p. 157) relata que o cinema era muito apreciado, sendo que o primeiro cinema em Boa Vista foi o da família Kreische. Na época era o cinema mudo, o qual era acompanhado de uma orquestra. O segundo cinema foi o Avenida, de propriedade da família Noal, mas foi destruído em um incêndio, em 1931. Mesmo assim, logo após o incidente foi instalado o cinema Ideal para contento da população.

Havia ainda dois locais de renome na época: o Café Grazziotin e o Quiosque. O Café Grazziotin, de propriedade de Da. Anita Grazziotin & Filhos, era o lugar ideal para o encontro da alta sociedade e da mocidade para ouvir música à noite, discutir política, cultura, futebol ou simplesmente se deliciar com cafés e guloseimas. O Quiosque, nos anos de 1929 a 1932, estava localizado onde hoje é a Praça Tiradentes, e ali era o ponto de reuniões familiares, que podiam apreciar a apresentação da Banda Municipal ou então, dependendo do dia, shows de jazz-band (DUCATTI NETO, 1981, p. 249, 250).



Fotografia 7: Primeiro cinema. Cinema Central de Ricardo Kreische, fundado em 1924, quando o cinema ainda era mudo, localizado na Rua Valentim Zambonato. (Fonte: Acervo de Fotos do

Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

A cidade, em pleno desenvolvimento, contava com bons hotéis para atender os viajantes e visitantes. Os hotéis da época, segundo Ducatti Neto (1981, p. 175, 176), além de oferecerem quartos para dormir e refeições fartas, também ofereciam cocheiras para os cavalos e um galpão para guardar as forragens e arreios dos viajantes hospedados. Um dos hotéis de tradição na cidade era o Hotel Popular, fundado em 1926, de propriedade de Agostinho Guerra & Cia, o qual era o ponto certo de parada dos viajantes. No ano de 1936, o hotel foi adquirido por Alberto Parenti, que continuou com a mesma hospitalidade no atendimento. Na mesma época foram surgindo mais hotéis, restaurantes e lancherias para atender a população de Erechim e região.



Fotografia 8: Hotel De Marchi, de Sílvio de Marchi, 1935. Localizava-se na Av. Maurício Cardoso, esquina com a Rua J. B. Cabral. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Na década de 1930, o comércio da cidade era favorável e assim muitas firmas novas surgiam ano após ano para disputar a preferência da população. As lojas ofereciam as mais diversas mercadorias como: tecidos e miudezas, calçados, couros, cereais, secos e molhados,

utilidades domésticas; também havia as lojas de ferragens e os moinhos. Uma das grandes potências da época era a Saulle Pagnoncelli & Filhos, a mais forte firma comercial da região, esta que atuava no comércio de ferragens e materiais de construção e tinha filiais em Marcelino Ramos e São Paulo (DUCATTI NETO, 1981, p. 169, 170).



Fotografia 9: Centro Comercial Saulle Pagnoncelli & Filhos, em Boa Vista do Erechim, 1939. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

A indústria, que era rudimentar na extração de erva-mate e na moagem de cereais anteriormente à imigração, foi sendo intensificada com moinhos coloniais mais equipados e com a instalação de serrarias para extração de madeiras. Já na década de 1930 existiam proeminentes indústrias em diversos ramos, como enumera Ducatti Neto (1981):

Ricardo Madalozzo & Cia. Ltda., com oficina de móveis; Busato & Cia., oficina de beneficiamento de madeira; Frederico e Joaquim Reichmann, mesmo ramo; João Carlon, oficina mecânica; Francisco Indenhoch, fábrica de charutos; Eduardo Thierling, fábrica de tampinhas de garrafas; Eduardo Machiavelli, fábrica de bebidas sem álcool; Bortolo Balvedi & Filhos, fábrica de cerveja e refrigerantes; Santo Dal Bosco, fábrica de salame; além de outros. (DUCATTI NETO, 1981, p. 173)

Essas empresas em muito fortaleceram a economia do município. As serrarias atingiram seu auge na década de 1940 explorando as ricas reservas de pinheiro araucária. Porém, a extração descontrolada veio a esgotar com o passar dos anos as densas matas, fato que culminou na migração das serrarias para outros Estados. No entanto, a indústria fortalecia-se no ramo frigorífico, especialmente no abate de suínos para fabricação de banha e salames.



Fotografia 10: Firma Madalozzo - Madeireira. Avenida Tiradentes, em 1.940. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Os estabelecimentos de crédito, após a criação do município, foram instalados sucessivamente para atender a demanda dos comerciantes, industriários e da população em geral da cidade e região. Ducatti Netto (1981, p. 177) destaca o surgimento dos seguintes bancos no município de Erechim: Banco Pelotense, Banco da Província, Banco Do Estado do Rio Grande do Sul, Banco Nacional do Comércio, Banco Agrícola Mercantil e, em meados de 1941, o Banco do Brasil era instalado, enquanto que a Caixa Econômica Federal estabeleceu-se em Erechim em 1942.

O serviço de saneamento básico começou a efetivar-se mais precisamente a partir de 1947, quando começaram os trabalhos para a instalação da Estação de Tratamento de Água, sendo que apenas em 1952 foi inaugurada a Hidráulica de Erechim. A cidade contava com

outros serviços necessários à sua manutenção e também foram sendo criadas repartições públicas para atender à população. A Comissão de Terras e Colonização foi a primeira repartição pública que funcionou nesta terra (instalada em 1916) e, embora tenha sofrido algumas alterações na sua organização, sem dúvida foi de inestimável valor para a região. No decorrer dos anos, foram instalados em Erechim: a Delegacia Regional de Saúde (1939), a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a Companhia Estadual de Energia Elétrica – CEEE (1951). É pertinente salientar que anteriormente à CEEE, o fornecimento de energia elétrica era feito pela Prefeitura Municipal com um gerador movido a óleo diesel e que passou a funcionar em 5 de fevereiro de 1927. O Posto Regional do Ministério do Trabalho em Erechim foi outra instituição criada no município (1940), e ainda pode-se citar, nas décadas subsequentes, a criação do Presídio Municipal, o Movimento Brasileiro De Alfabetização – MOBRAL, a Exatoria Estadual, a Agência Da Receita Federal, a Justiça do Trabalho, o Batalhão da Polícia Militar, entre outras (DUCATTI NETO, 1981, pp. 184-190).

Foram vários os hospitais que existiram na cidade de Erechim, porém as instalações muitas vezes eram precárias e deficientes na higiene. A despeito disso, Ducatti Netto (1981, p. 158, 159) afirma que o Hospital de Caridade foi construído na década de 1930 e, mediante a escassez de recursos, foram anos árduos até sua total instalação. Outros hospitais atendiam à população de Erechim e região, sendo que em 1936 pode-se mencionar a Casa de Saúde Dr. Medaglia, a Casa de Saúde Dr. Luiz Gallichio, o Hospital Santo Antônio e a Casa de Saúde Boavistense.

O ensino que anteriormente à fundação do município era precário e na maioria das vezes as escolas funcionavam em residências particulares, com professores pagos pela comunidade e sem o auxílio do Estado, logrou novas perspectivas após a emancipação. No entanto, é relevante citar esta passagem de Ducatti Netto (1981):

Voltando a 1917, tem-se um ponto significativo, que relaciona diretamente a educação com a criação do município: o Estado extingue a 11ª aula pública do sexo masculino situada em Erechim (atual Getúlio Vargas). A população, cerca de 30.000, composta de 7.000 brasileiros, 6.000 poloneses e russo, 4.000 alemães, 2.000 italianos, 1.000 austríacos, suíços e espanhóis, franceses e portugueses, reage reivindicando a sua emancipação política. (DUCATTI NETO, 1981, p. 222)

Este fato demonstra a importância do ensino para os colonizadores, haja vista de que a extinção de uma aula pública fez a população requerer sua emancipação política. Enquanto município, Erechim veio a dispor de mais estabelecimentos de ensino, mas muitos deles

foram escolas particulares, especialmente geridas por associações de colonizadores ou por entidades religiosas. As aulas muitas vezes eram ministradas meio turno na língua portuguesa e meio turno na língua da pátria de origem dos imigrantes. Na década de 1930 é interessante mencionar a criação pelo então Intendente Municipal, Sr. Aminthas Maciel as “aulas especiais”, que seriam fixadas nos lugares de maior concentração de alunos, especialmente nas sedes dos distritos, sendo que os professores foram selecionados através de um concurso, a fim de proverem os cargos (DUCATTI NETO, 1981, p. 229, 230).

Em virtude das abundantes lavouras de trigo, como faz notar Ducatti Neto (1981, p. 195,196), Erechim sustentou, até 1960, o título de “Capital do Trigo”. Todavia, o solo acidentado, que não permite a mecanização efetiva, fez o município de Erechim perder o título para a região de Cruz Alta. No entanto, o plantio de trigo ainda se faz presente em Erechim, mas o lugar de destaque foi ocupado pela soja. Os colonos que regem as propriedades familiares diversificam suas culturas, agregando ao plantio da soja, o milho, a erva-mate, o feijão, a batata inglesa, a cebola, a mandioca e outros alimentos que também são consumidos na propriedade. Na pecuária o crescimento também se evidenciou através da implementação de granjas e de novos conhecimentos levados aos agropecuaristas, o que fortaleceu as suas propriedades.



Fotografia 11: Lembrança da 3ª Festa Nacional do Trigo. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Toda pluralidade de etnias que veio a constituir a Colônia Erechim, e mais tarde o próspero município, evidenciaram a força e a união de diversos povos que aqui buscaram uma nova vida e fundaram seus lares e famílias. Esse espírito de luta em busca de uma vida melhor, ou mesmo na construção de um lugar ideal para se viver, se evidencia na história dessas pessoas, figuras notórias na sociedade e na política ou meros atores da vida real que ficaram no anonimato. Esses trabalhadores são os verdadeiros fundadores do município, os quais disseminaram suas raízes étnicas nessa região e prosperaram, com afã, muito suor e muitos sacrifícios, enfrentando inúmeros dissabores e adversidades até que começassem a colher os frutos de seu trabalho.



Fotografia 12: Praça Júlio de Castilhos Ano: 1942. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

CAPITULO 2

2 A IGREJA MATRIZ SÃO JOSÉ

2.1 Construção da Igreja Matriz

Os colonizadores trouxeram na bagagem além de seus pertences e seus sonhos de uma nova vida, também a fé católica. Na aurora da colonização muitos dos recém-chegados moradores apegaram-se aos valores pregados pela Igreja Católica para resistir as adversidades encontradas em seu novo habitat. O presente capítulo faz uma apresentação de como se deu a construção da Igreja Matriz, das dificuldades encontradas pelos pioneiros nesta empreitada de fé e de toda dinâmica social que gravitava em torno deste templo. Ainda será resgatado através de registros vinculados a jornais, publicações diversas, nos registros da Paróquia São José (Livros Tombo 2 e 3), e obras de autores que convergem com as colocações deste capítulo, entre eles: Font (1983), Tasso (1968), Thompson (1992), Alberti (2003) e Fünfgelt (2004). Este capítulo também está norteado sob a perspectiva da história oral, para tentar compreender como ocorreu a demolição da Igreja Matriz no intuito de identificar as motivações que levaram a tal acontecimento.

Uma figura singular destacou-se nesses tempos árduos e laboriosos: Dona Elisa Vacchi. Esta moradora proveniente de Nova Trento (RS) vem residir em Paiol Grande onde instala uma pensão familiar e passa a exercer a função de parteira. E sua fé obstinada a torna uma espécie de líder da religião católica no povoado. Através de seu incentivo, veio a sugestão de construir uma capela. Conforme Font (1983, p.105), Eugênio Isoton e Primo Noal abriram a picada e limpam a área para construção da capela, Arcângelo Rosseto foi o carpinteiro e as madeira e tabuinhas vieram de um engenho de Valentin Gauer, sendo que a obra totalizava uma área de 24 m². Em 1913 estava construída a primeira capela, em honra a Santo Antônio, no terreno que ficaria sendo a esquina da avenida com a Rua Torres Gonçalves.



Fotografia 13: Primeiro Templo Católico na Colônia Erechim, construído em 1913.
(Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

A capela foi dedicada a Santo Antônio de Pádua, sendo que logo em seguida os fiéis se reuniram sob o seu teto para orar. No dia 21 de outubro, Paiol Grande recebe a visita pastoral de Dom Miguel de Lima Valverde que é carinhosamente recepcionado. As senhoras Elisa Vacchi, Amália Isoton, Amélia Dalla Costa e outras senhoras fazem adornos com papéis coloridos que são dispostos no trajeto da Estação até a capela. Dom Miguel logo percebe o fervor religioso e o empenho destas pessoas em semear a fé católica. Mas a população crescia e a economia era impulsionada pela construção de uma ferrovia, sendo que uma simples capela não podia mais abrigar a todos os fiéis. A respeito das impressões de Dom Miguel, Font (1983) afirma que:

De regresso a Santa Maria exara carta apostólica nomeando Albano Albino Stumpf, Osório de Quadros, Bertholdo Bischoff, Adam Chichoski e Eugênio Isoton para, em comissão sob a presidência do primeiro, de acordo com o vigário, promoverem os meios de construção de uma igreja, em condições suficientes que possa futuramente servir de Igreja Matriz (carta de 26 de novembro de 1913). (FONT, 1983, p. 106)

De acordo com a matéria publicada no Jornal Diário da Manhã (agosto/2000) em homenagem aos 81 anos da paróquia de Erechim, esta faz um breve relato da trajetória desta paróquia mencionando a construção de uma Igreja maior. Descreve que no ano de 1915 foi

levantada uma nova Igreja, mais espaçosa, com cerca de 288 m² e que iria comportar o crescente número de fiéis que gradualmente instalavam-se no povoado de Paiol Grande. A imagem de Santo Antônio foi substituída por uma estátua nova de São José, esta cedida pela sogra de Modesto Silva, a qual era uma pessoa de destaque naquela época. Esta Igreja foi construída em outro local, onde também foi edificada a casa paroquial que fazia frente para a Avenida Maurício Cardoso. No impulso dos acontecimentos, em 19 de agosto de 1919, o bispo de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde, cria a paróquia de Erechim, atribuindo-lhe São José como padroeiro.



Fotografia 14: Segunda Igreja da cidade de Erechim, inaugurada em 1915.
(Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Quando o Pe. Benjamim Busato foi nomeado como o titular da paróquia, iniciaram-se as tentativas de construção de um novo templo. Empenhado para angariar fundos para edificar uma Igreja Matriz, o Pe. Benjamim Busato, juntamente com membros da comunidade erechinense, não mediram esforços, os quais logo se mostraram produtivos. Como era de praxe naqueles tempos, e dada a importância da religião católica, o lugar escolhido foi o centro da cidade, na esquina da Av. Maurício Cardoso com a Av. Presidente Vargas. Em 04 de outubro de 1927 iniciam-se as obras e já em 05 de março de 1928 é feita a benção da pedra angular por Dom Ático Eusébio da Rocha, bispo de Santa Maria. O projeto ficou a cargo do

arquiteto projetista Vitorino Zani¹⁰, que ao consultar a Secretaria de Obras Públicas de Porto Alegre, esta desaconselhou projetar a obra em estilo gótico por esta região estar sujeita a furacões. Logo, elegeu-se o estilo apropriado para a construção do edifício. De estilo barroco, o edifício tinha as seguintes medidas: 45 m de comprimento, 20 m de largura, 18 m de altura na nave central e 30 m nas torres, totalizando uma área construída de 945 m².



Fotografia 15: Construção da Igreja Matriz São José, na década de 30. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

A parte dos alicerces foi entregue ao construtor Carlos Fermento, também de Porto Alegre, sendo que na escavação dos alicerces não foi encontrado nem um metro de tabatinga¹¹ e logo que acabava a terra vermelha vinha a rocha. A rocha se inclinava da Avenida Maurício Cardoso para os fundos, sendo que foi construído mais de 900 metros cúbicos de alicerces. Dada a profundidade, se fez tudo com argamassa de cimento. Já na parte onde fica a base da

¹⁰ O arquiteto projetou diversas igrejas no Estado, como a Igreja Matriz Santíssima Trindade na cidade de Nova Palma, na região central do Estado, e a igreja Matriz da cidade de Canoas.

¹¹ Argila formada por sedimentação, mole e untuosa, às vezes branca ou esbranquiçada.

torre, ao lado da Rádio Difusão, teve que ser feita uma concretagem especial com trilhos de ferro porque a rocha caía em desnível acentuado para a Rádio. Nos alicerces trabalharam o Sr. Tosetto, o Sr. De Grandi, do município de Marcelino Ramos, e o preparador da massa era o Sr. Busnello. As paredes, o reboco, a cumeeira¹², os estuques¹³ e o forro foram feitos pelos construtores Tomaso Fávero e João Paloschi.



Fotografia 16: Igreja Matriz São José. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

A maioria do material de construção utilizado veio de fora do município, inclusive fora do Brasil. De acordo com os dados extraídos da obra *Meu Erechim Cinquentão: Crônicas* (1968, p. 49) de autoria de Chico Tasso, os tijolos foram fornecidos por uma olaria de Capinzal (SC); as pedras vieram da comunidade Dourado, a 4 km de Erechim; a areia veio

¹² Parte superior de um madeiramento sobre o qual se apoiam os caibros.

¹³ Espécie de argamassa feita geralmente com pó de mármore, cal fina, gesso e areia.

de Marcelino Ramos (RS) - foi extraída do rio Uruguai e transportada de trem; a madeira, em grande parte, foi doada pela família Mariga, que a extraiu de seus engenhos; as colunas, capitéis e florões foram trazidos da capital Porto Alegre; a cal foi trazido de Curitiba (PR) e Caçapava (RS); já o cimento, marca Gato (cerca de 10 toneladas) foi importado da Alemanha; e os 3 sinos fundidos em aço vieram de Bochum, também localizada na Alemanha.

Mesmo com as obras se iniciado no ano de 1927, o transcorrer dos trabalhos sofreu alguns contratemplos em função da dificuldade em se obter o material para a construção. O início da construção das paredes foi em meados de 1929 e assim foi dado prosseguimento na obra. Em 1933, mesmo com a obra inacabada, a Igreja era aberta ao público: ainda não havia piso, acabamentos e nem bancos. Mas a inabalável persistência dos pioneiros de Erechim seguiu seu objetivo e aos poucos foram sendo executadas as obras de acabamento, a colocação dos vitrais, do piso em cimento polido e seguidamente coberto com ladrilhos de cor esverdeada. Já em 03 de abril de 1937 chegaram de Bochum (Alemanha) os 3 sinos fundidos em aço. Estes foram batizados com os nomes de Jesus, Maria e José e logo em seguida foram colocados e inaugurados.

Nos anos seguintes foi feito o acabamento do interior do templo: a pintura das paredes na cor branca, abóbadas azul-claras, capitéis verde-escuros e dourados, colunas verdes e florões rosa-claros. A conclusão e a montagem do altar de mármore e bronze foram concluídas em 06 de dezembro de 1941, e executada pela empresa J. Aloys Frederich, de Porto Alegre. O custo total da construção da Igreja Matriz ficou aproximado em 690,00 contos de réis na época. Ao referir-se aos incentivadores da construção da Igreja Matriz, Tasso (1968) considera que:

Quanto aos grandes e beneméritos impulsionadores da obra cabe mencionar em primeiro lugar o Sr. Giocondo Pagnoncelli. A parte comercial foi dedicadamente resolvida por ele e sua família. Contratos, pesquisas de preços, tudo era dele. E para terminar ainda emprestou perto de 100 contos praticamente sem juros. Nas festas era sempre o primeiro a ajudar, passando as vezes bons serões com Jardino, Hermes, O. Berto e outros na composição dos festejos. Com ele na equipe de homens trabalharam também João Massignan, Luiz Longo, Bortolo Balvedi, Eugênio Isoton. (TASSO, 1968, p. 49)

A década de 1940, mais precisamente o ano de 1942, marcou para os erechinenses e para todos os moradores da região a concretização de um objetivo há muito almejado pelos católicos: enfim eles tinham um templo que abrigava um grande número de fiéis e impressionava pela sua imponência.



Fotografia 17: Altar-mor da Igreja Matriz São José, em 1962. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

No entanto, sob os auspícios da modernidade, a acolhedora Igreja Matriz não teria uma vida longa. Alguns artigos publicados nos jornais *Diário da Manhã* e *A Voz da Serra* sugerem que já na década de 1940 o engenheiro Plínio Totta trouxe para Erechim o projeto de uma nova Igreja, “mais moderna”, e que pudesse atender as necessidades de uma futura Diocese.

2.2 A necessidade de reformas e a problemática da demolição

O assunto da necessidade de reformas na Igreja Matriz foi um fato polêmico, mais especificamente por logo sugerir que era mais prudente demolir a Igreja Matriz e construir uma nova, mais ampla, mais moderna e funcional. No ano de 1968 formou-se uma comissão em prol da construção de um novo templo alegando que a Igreja poderia desmoronar. Era notável que em algumas partes do prédio havia sinais de deterioração, então surgiu a discussão: reformar a Matriz ou construir uma nova? Uma parte da comunidade foi contra, entretanto havia uma parcela que trabalhou arduamente no sentido de convencer toda população que deveria ser construída uma nova Igreja, alegavam que a situação da Igreja apresentava, inclusive, perigo de vida aos fiéis que lá faziam suas preces.

As Igrejas Católicas, dada a sua longínqua história ao longo dos séculos, muitas vezes são usadas como fonte de diversas pesquisas, mais precisamente quando é solicitada a consulta de seus arquivos ou do Livro Tombo¹⁴. Este livro fica guardado no arquivo paroquial da Igreja e compete exclusivamente ao pároco redigir o mesmo com seu próprio estilo, em que ele registra a vida da comunidade e sua caminhada pastoral. Os registros devem seguir uma ordem cronológica, indicando o assunto, o dia, o mês e o ano, fazendo um relato objetivo e sucinto dos acontecimentos paroquiais. Entretanto, como os párocos não seguem todos a uma mesma linha de dedicação na redação do Livro Tombo, alguns registros encontrados podem seguir um rigor maior e refinado. Em contrapartida, outros registros podem ser relapsos.

No presente trabalho constam muitas citações cuja fonte documental são os Livros Tombo da Paróquia São José. No segundo semestre do ano de 2016 foi solicitado ao Pe. Alvise Follador, atual pároco da Paróquia São José, o acesso a esses registros paroquiais e este, depois de algum tempo, concordou em conversar a respeito da pesquisa. Na secretaria paroquial o Pe. Alvise Follador fez fotocópias das páginas que ele já havia previamente selecionado para a pesquisa e que segundo ele eram as páginas dos Livros Tombo 2 e Tombo 3, os quais faziam referência à demolição da Igreja Matriz, ao plebiscito e à construção da nova Igreja. Portanto, para a realização da pesquisa as fontes são autênticas, mas não se obteve acesso direto aos Livros Tombo, não se pôde folheá-los e examinar suas páginas na íntegra. O trabalho de manusear os livros e selecionar os conteúdos pertinentes à pesquisa foi feito pelo pároco, enquanto a idealizadora deste trabalho o acompanhava e observava.

O Pe. Atalibo Lise foi pároco da Paróquia São José de 13/02/1967 a 03/01/1987 e novamente de 02/01/1988 a 20/01/1990. Consta no Livro Tombo 2 da Paróquia São José o seguinte relato feito pelo pároco Atalibo Lise, indicando inclusive como pauta importante ao sublinhar a epígrafe:

Campanha pró-construção da Catedral. Ao tomar posse da Paróquia encontrei uma carta, na qual D. Claudio Bispo Diocesano autorizava o Pe. Tarcísio Utzig construir uma nova Igreja Matriz no local da antiga. A carta era datada de 1965. Encontrei

¹⁴ O Dicionário Aurélio Brasileiro da Língua Portuguesa define a palavra *tombar* como “fazer o tombo de; inventariar; arrolar; registrar”. Portanto, “Livro de Tombo” é semelhante a Livro de Registros. **Para a Igreja Católica**, o Livro Tombo é de alto valor histórico. É um livro tipicamente canônico-ecclesial onde são lançados os acontecimentos históricos, os atos e fatos significativos, e os procedimentos administrativos de maior relevância.

também uma maquete da Igreja a ser construída e apenas uns ante – projetos da mesma feitos pelo Dr. Plínio Totta. (LIVRO TOMBO 2, 1968)

Neste registro, ao relacionar o assunto da campanha para a construção da Catedral, o Pe. Atalibo Lise faz questão de mencionar que seu antecessor já havia dado os primeiros passos anos antes para que tal evento fosse possível. É notório que entre o Pe. Tarcísio Utzig e o projetista Dr. Plínio Totta já havia se estabelecido um diálogo e haviam ocorrido negociações em relação ao projeto da nova Igreja e aos custos do mesmo, inclusive era de conhecimento do Bispo Dom Cláudio (a paróquia era subordinada ao bispado de Passo Fundo) esses acordos em prol da construção de uma nova Igreja. Fica evidente que sob o abrigo do velho templo se falava sobre sua demolição, embora aparentemente a comunidade desconhecesse tais intenções.

O Pe. Atalibo Lise faz novo registro quanto ao assunto da demolição da Igreja Matriz e construção da Catedral São José no Livro Tombo 3 da Paróquia São José esclarecendo dessa maneira:

Quero agora deixar registrado um pequeno histórico de toda caminhada desde o início da obra de construção da Catedral até sua inauguração: 15-05-77. Histórico: Primeiro uma explicação: Ao tomar posse da então Paróquia São José, poucos dias depois da posse eu recebia a visita do Engenheiro ou melhor Projetista Dr. Plínio Totta; ele vinha para saber se executaríamos o contrato, já firmado com o meu antecessor, de construir a nova Igreja. O contrato do Projetista foi feito no valor de Cr\$9.000,00, sendo que o Pe. Tarcísio já havia pago Cr\$4.000,00. Mandeí aguardar um pouco até constituir uma diretoria que a paróquia não tinha e depois comunicaria a ele a resolução. Como a Igreja apresentasse muitas rachaduras e seguidamente caíam pedaços do forro, resolvemos primeiramente fazer um reforço num dos arcos da nave lateral para depois começar a tomar medidas concretas a respeito da construção. (LIVRO TOMBO 3, 1977)

Aqui novamente o Pe. Atalibo Lise procura fazer um registro das circunstâncias em que se deu a demolição da Igreja Matriz e a construção da nova. É importante salientar que o Pe. Atalibo faz questão de lembrar novamente (já havia registrado no Livro Tombo 2) que ao assumir a Paróquia São José seu antecessor já havia iniciado de alguma maneira os trâmites para demolir a Igreja Matriz e construir uma nova. Ao contatar o projetista Plínio Totta para elaborar o projeto da nova Igreja, o Pe. Tarcísio Utzig inclusive já havia pago uma quantia significativa ao mesmo pelo trabalho. Caberia a então diretoria constituída por membros da comunidade, e certamente pelo Pe. Atalibo Lise, analisar a situação da Igreja Matriz quanto à sua estrutura e definir com toda a comunidade o que seria feito: manter a Igreja Matriz ou construir uma nova. Não é mencionado em nenhum momento no livro Tombo se foi feito um

levantamento em relação à possibilidade de reformar a Igreja Matriz e os custos que essa provável reforma acarretaria.

Para aprimorar a questão da demolição da Igreja recorre-se a história oral, sendo um método de pesquisa que se baseia na realização de entrevistas gravadas com pessoas que podem narrar acontecimentos e em que circunstâncias se deram esses fatos. Estas conjunturas podem estar relacionadas ao passado ou ao tempo presente, sendo que podem estar relacionadas a narrativas de modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Confrontada com outras fontes, como documentos escritos, imagens e outros tipos de registros, a história oral proveniente de entrevistas torna-se uma ferramenta extremamente relevante para a compreensão do passado. Paul Thompson, em sua obra *A voz do passado* (1992), enfatiza que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Podemos entender a memória como um resgate do passado, como uma construção racional e intelectual de partículas representativas desse mesmo passado, não abrangendo a sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. De acordo com Verena Alberti em sua obra *Manual de História Oral* (2003) a autora afirma que:

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um *projeto de pesquisa* previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado. (ALBERTI, 2003, p. 29)

Assim sendo, a dinâmica da história oral geralmente segue uma sequência lógica de aplicação: primeiramente o pesquisador precisa ter claro os objetivos de sua pesquisa para então escolher os entrevistados e considerar a viabilidade das entrevistas. É necessário

selecionar entrevistados que participaram, vivenciaram ou presenciaram os acontecimentos ligados ao tema e que possam fornecer dados significativos.

Acerca das colocações anteriormente mencionadas, no corrente trabalho foram entrevistadas três pessoas: Mozart Luiz Lago, Gelcy Salete Cerioli Munaretto e Theodoro Tedesco Neto. Estes entrevistados podem discorrer com propriedade da temática, pois vivenciaram todo o processo que culminou na demolição da Igreja Matriz para a construção da nova Igreja e futura Catedral.

O Sr. Mozart Luiz Lago, como ele mesmo afirmou, nasceu e vive nesta cidade há 73 anos, por isso é “testemunha ocular da história”. Escolheu como profissão a odontologia e a exerceu ao longo de todos esses anos com dedicação ao povo de Erechim e de toda região. Aqui também constituiu sua família e seus laços de amizade, os quais permanecem sólidos no decurso de sua jornada familiar, profissional e social. É uma pessoa muito respeitada na sociedade pela sua integridade moral, sua espontaneidade e originalidade no convívio social.

A Sra. Gelcy Salete Cerioli Munaretto é uma figura muito distinta, dinâmica, comunicativa e engajada em prol de causas nobres. No momento da entrevista lembra que aos seus 76 anos de idade pode afirmar com orgulho que: “Nasceu, foi criada, estudou, casou-se e continua em Erechim”. Dona Gelcy casou-se com o Sr. Hilário Munaretto e constituíram uma harmoniosa família enquanto laboravam por uma vida digna. O distinto casal participou e presidiu diversas entidades sociais e religiosas, destacando-se a determinação e desprendimento de Dona Gelcy. Além de todas essas atribuições, a entrevistada também foi Secretária da Saúde do município de Erechim durante oito anos, período em que desempenhou com notável competência suas atribuições.

O Sr. Theodoro Tedesco Neto vem a integrar o repertório de entrevistados dado o seu conhecimento histórico, intelectual e sua vasta experiência de vida. Ele nasceu em Erechim, foi batizado e crismado na Igreja Matriz. Passou a maioria de seus anos em Erechim, com exceção do tempo em que morou em Santa Maria para realizar seus estudos. Formou-se engenheiro agrônomo e possui pós - graduação em desenvolvimento rural, e em agroecologia. Trabalhou 43 anos na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e depois por 3 anos e meio foi diretor da Vigilância em Saúde de Erechim, desenvolvendo um relevante e notável trabalho nesta área. Nesta cidade vivenciou suas experiências pessoais e profissionais e cultivou um vasto círculo de amizades.

Como consta nos registros paroquiais, era urgente tomar uma atitude em relação à Igreja Matriz quanto à decisão de reformar ou demolir. Quando se lê na citação acima mencionada “Campanha pró-construção da Catedral” feita no Livro Tombo 2 pelo Pe. Atalibo

Lise é notável que a resolução de demolir a Igreja Matriz estava praticamente definida, embora poucas pessoas da comunidade soubessem que a demolição da Igreja Matriz era uma questão que em pouco tempo se concretizaria. Na entrevista do Sr. Mozart Lago (2017) tem-se o seguinte relato em relação à necessidade de demolição:

Boato, ela tinha uma decoração no teto, florais, de gesso, algumas coisas daquilo naquelas colunas que fazia uma curva no teto, e esses acabamentos alguns caíram lá por algum motivo, e usaram isso de argumentação que a estrutura da Igreja poderia estar comprometida, mas na verdade caíram decorativas de gesso [...] (informação verbal)¹⁵

O entrevistado afirma que realmente havia necessidade de uma reforma, mas a maioria das avarias estavam nos acabamentos, o que poderia ser perfeitamente corrigido. Essa argumentação de que a Igreja poderia cair e representava risco de vida para as pessoas em seu interior veio a calhar no projeto de destruição da Igreja Matriz. A Sra. Gelcy Munaretto (2017) descreve da seguinte maneira a situação da Igreja:

Acabamentos, tinham alguns rachos como tem hoje em todas as casas, umidade, vazamento de água, como também teve a Catedral. Quando nós assumimos [a direção da Catedral] tivemos que trocar todo telhado porque tinha vazamento, mas foi trocado, não foi derrubada a Catedral. Na época não existia gesso, era um cimento, um concreto, porque para demolir a Igreja não foi fácil, tiveram que dinamitar, você vê que fortaleza que ela era... [...] e sumiu assim... Conforme desmanchava-se a Igreja ela sumia...(informação verbal)¹⁶

A citação acima enfatiza que havia problemas de umidade e deterioração nas partes de acabamentos. Entretanto, como Dona Gelcy Munaretto fez questão de lembrar que, muitos anos após assumir a direção da já então nova Igreja e atual Catedral, esta também apresentou problemas de vazamento, sendo que todo o telhado precisou ser trocado, mas ninguém cogitou demolir, e sim, consertar. O Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017) faz um célebre relato quanto a esta questão:

Eu lembro bem desse reboco, que tinha uma parte que parecia que tinha caído, porque eu nunca fui de ir muito à missa, mas em um determinado dia eu estava lá [na Igreja] era velório... Enterro de um tio meu, tio Valter, eu fiquei olhando lá, tinha o que... Uns 15 ou 16 anos e eu fiquei olhando que tinha uma aranha bem

¹⁵ Entrevista com Mozart Luiz Lago. Erechim, 06 de abril de 2017.

¹⁶ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

grande, que descia e subia, eu estava mais interessado em ver o que a aranha ia fazer do que prestar atenção na missa... Mas afinal então eu lembro bem que aparecia uma parte da abóbada que o reboco tinha caído, mas era coisa assim muito circunstancial. (informação verbal)¹⁷

Os entrevistados são pontuais quando afirmam que os reparos na Igreja Matriz seriam suficientes para deixar o templo em condições de continuar a servir ao seu propósito e receber seus fiéis sem riscos ou danos físicos devido a algum provável desabamento. Ainda nesta mesma linha de considerações o Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017) reforça que:

[...] era um assunto que se falava muito, porque, para demolir essa Igreja Matriz, foi uma desgraça, eles tiveram que usar dinamite, os alicerces e a construção em si eram muito resistentes, aí tu viste era cimento alemão era uma coisa bem feita, cimento alemão e ferro em cima de basalto, imagina quantas centenas de quilos de dinamite eles usaram para demolir. (informação verbal)¹⁸

A perspectiva apresentada pelos entrevistados quanto ao fato da necessidade de demolição da Igreja Matriz é unânime: foi precipitada e desnecessária. Visto que todos eles frequentavam a Igreja, embora em situações e momentos diferentes, ainda assim afirmam que havia como restaurar as partes danificadas. Já nos registros paroquiais, as passagens onde é mencionada a demolição da Igreja são inconsistentes. Trata-se de uma afirmação para “demolir”, e de maneira implícita é perceptível que a Igreja Matriz era colocada sob um aspecto de negatividade quanto à sua estrutura física, ou seja, aquele prédio não servia mais aos propósitos dos novos tempos que se apresentavam.

Como a diretoria constituída na paróquia mostrou-se favorável à construção de uma nova Igreja, e ainda era apoiada pelo pároco e pelo bispado, só havia mais um entrave: a comunidade. Então era necessário conquistar a simpatia do povo quanto a essa questão. O respaldo da comunidade, conforme consta nos registros dos Livros Tombo 2 e 3, ou ainda esse “consentimento”, só poderia ser efetuado conforme a consulta feita através de um plebiscito.

¹⁷ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

¹⁸ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

2.3 A questão do plebiscito

A comissão favorável à demolição da Matriz promoveu um plebiscito que resultou na aprovação da construção da nova Catedral. Sobre a organização do plebiscito é pertinente citar este registro do Livro Tombo 2 em que está registrado:

Visto todos perguntarem se a igreja nova seria construída ou não, juntamente com a Diretoria de paróquia foi resolvido lançar um inquérito e assim foi feito. Foram distribuídos milhares de folhetos com esta pergunta: “O Sr. está de acordo (de) que seja construída uma nova igreja no local da atual igreja São José? Sim ou não?” Quatrocentas pessoas apenas responderam e destas quatrocentas uma se declarava contra, pedindo mesmo não fosse demolida a atual igreja matriz outros três embora não se manifestassem ser contra uma nova construção lamentavam a demolição da atual igreja. Numa reunião da diretoria foi conferido o resultado do inquérito e diante da esmagadora maioria que se manifestou a favor da construção de uma nova igreja foi resolvido que se começaria tomar as primeiras providencias para isso. (LIVRO TOMBO 2, 1968)

De acordo com esse registro “foram distribuídos milhares de folhetos”, mas apenas cerca de quatrocentas pessoas se manifestaram. As circunstâncias em que foi realizado o dito plebiscito parecem ser confusas, pois foi algo que veio a ter evidência no momento da divulgação do resultado. No entanto, durante o processo de votação e apuração dos votos, esse evento ficou condicionado ao conhecimento de uma minoria. Dona Gelcy Munaretto (2017) expressa suas dúvidas sobre o fato, relatando que:

Houve uma eleição, um plebiscito, que seria assim, quem vencida era aquele que teria mais votos. Consta que teve mais votos para demolição, eu particularmente não acredito, porque é impossível que as pessoas fossem votar em botar abaixo aquela maravilha que nós tínhamos aí. Mas... Aconteceu. [...] Não participei, não sei, não votei, morava na mesma quadra da Igreja e nunca chegou às nossas mãos alguma coisa para se votar, nada. Não participamos absolutamente de NADA. E nessas alturas venceu e foi desmanchada a Igreja e fizeram esta Catedral [...] Só foi anunciado em uma missa lá na frente no altar, se não me engano foi o Plínio Totta que fez apresentação dizendo que tinha vencido para demolição da Igreja. (informação verbal)¹⁹

É no mínimo curioso que uma pessoa que frequentava a Igreja regularmente, acompanhada de sua família e, inclusive morava na mesma quadra da Igreja, nunca tenha visto o plebiscito. Não apenas a sua família, mas as pessoas do seu círculo de amigos

¹⁹ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

também não tiveram acesso ao folheto de votação. E no registro paroquial consta que “foram distribuídos milhares de folhetos”. Então esses folhetos foram distribuídos de que maneira e para quem? Este aspecto também é comentado pelo Sr. Mozart Lago (2017):

Houve um plebiscito com as pessoas que frequentavam a Igreja, que eram facilmente manipuladas pelo padre, e tem uma história muito interessante que o padre novo que chega à cidade, posso te dar o nome dele, era Tarcísio Utzig, esse padre tinha uma pinta assim bem vestido, trabalhava até aqui na loja Abbal como vendedor de móveis, então ele manipulou muito fácil, e aí derrubou a Igreja e deixou suas pegadas pela história, deixou a impressão digital da burrada que deram... Foi um plebiscito muito estranho, porque eu que moro no centro nunca ouvi falar do plebiscito, quer dizer ouvi falar, mas não participei do plebiscito, não vi ele circular, mas teve muita crítica [...] (Informação verbal)²⁰

No trecho citado, o entrevistado também confirma que apesar de residir no centro da cidade, e ele e sua família serem pessoas atuantes na sociedade, somente ouviram falar no plebiscito, mas nunca viram o folheto de votação circular. Ainda é ressaltado sobre a questão do Pe. Tarcísio Utzig ser um padre com tendências progressistas e ávido por realizar o projeto da construção da nova Igreja. A estada do Pe. Tarcísio Utzig na paróquia São José iniciou-se em 13/05/1962 e estendeu-se até 12/02/1967. Embora tenha permanecido por apenas 5 anos regendo a paróquia e não tenha participado do momento da decisão final sobre a demolição da Igreja Matriz, a postura adotada por ele teve considerável ingerência quando começaram os “boatos” sobre demolir a Igreja Matriz. Não é possível afirmar que o Pe. Tarcísio Utzig foi o único responsável por lançar a questão da necessidade de construir uma nova Igreja ou foi o idealizador desse projeto, mas sua participação em maior ou menor escala é incontestável. Conforme o histórico da construção da nova Igreja:

Fizemos uma pesquisa junto aos paroquianos, muito poucos responderam e entre eles uns dois ou três manifestaram seu pesar caso a igreja fosse demolida. Alguma coisa deveria ser feita. Unânime a Diretoria optou pela construção de uma nova igreja. (LIVRO TOMBO 3, 1977)

Quando o Pe. Atalibo Lise faz seu relato no Livro Tombo 3 (1969,1989) realizando um histórico sobre a construção da nova Igreja, ele afirma que o plebiscito aconteceu e ainda ressalta que a diretoria foi concordante em realizar o projeto de construção da nova Igreja. Para o Sr. Mozart Lago, em fins da década de 1960, vivia-se uma euforia na cidade devido às

²⁰ Entrevista com Mozart Luiz Lago. Erechim, 06 de abril de 2017.

tendências de modernidade inspiradas na inauguração da nova capital brasileira (Brasília); Erechim também inaugurou nessa mesma década o estádio de futebol Colosso da Lagoa, do Ypiranga sendo o maior estádio olímpico do interior gaúcho. E houve, ainda, o evento da Feira Regional, Industrial e Agropecuária de Erechim (FRINAPE), que colaborou para criar essa expectativa ou essa necessidade de construir algo novo em detrimento do antigo.

É significativo refletir sobre a questão da decisão da demolição da Igreja Matriz considerando que, além da construção de uma nova Igreja, esta poderia ou viria a ser uma Catedral. Então essa era mais uma questão que estava na pauta do dia, pois alguém ou alguns ambicionavam o bispado para Erechim, sendo que a data de demolição da Igreja Matriz coincide com a criação da comissão pré-criação da Diocese de Erechim. Quanto à demolição da Igreja Matriz e o referido plebiscito, o Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017) relata desta maneira:

Mas a Igreja, quando se começou a falar da demolição da Igreja eu tenho certeza absoluta que houve manipulação, eu não acompanhei o tal do plebiscito, porque em 1968 eu fui para Santa Maria e eu não estava muito preocupado com estas questões, eu queria ser engenheiro agrônomo [...]. (informação verbal) ²¹

Apesar do Sr. Theodoro Tedesco Neto, como ele mesmo afirma, não ter acompanhado de perto as ocorrências em torno do plebiscito, pois estava mais interessado em seus estudos, o referido entrevistado relata que sua família, principalmente suas tias, eram pessoas muito religiosas e frequentavam a Igreja com assiduidade. E absolutamente ninguém de sua família chegou a votar no plebiscito ou ver o referido folheto para votação. Ao mencionado plebiscito é pertinente expor esta transcrição datada do mês de setembro de 1967 e registrada no Livro Tombo 2:

O Dr. Plínio Totta que projetou a futura Catedral da qual ele também executou uma maquete esteve em nossa cidade e fizemos uma reunião, ele com a diretoria da Igreja Matriz. A diretoria assinou com ele novo contrato para ele executar as plantas e os cálculos da futura construção da Catedral. Foi acertado com o Dr. Plínio Totta que a matriz pagaria pelo projeto e cálculos a importância de 10.150,00 (10.000) dez mil cento e cinquenta cruzeiros novos, isto dividido em sete parcelas de 1.450,00 cada uma. (LIVRO TOMBO 2, 1967)

²¹ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

É interessante salientar o fato de que no ano de 1968 está registrado no Livro Tombo 2 a decisão da diretoria em promover um plebiscito com a população para decidir sobre a demolição ou não da Igreja Matriz, embora no mesmo livro e com uma data anterior (1967), conforme está citada na passagem acima, a diretoria da Igreja Matriz já firmava um acordo com o Dr. Plínio Totta para que este executasse os cálculos e plantas da futura Catedral. Até mesmo os valores pagos pelo trabalho já estavam acordados entre as partes, o que demonstra a veracidade do contrato.

Ficam várias dúvidas em relação ao plebiscito: 1° - Por que fazer o plebiscito em última instância, sendo que a Igreja Matriz foi construída com o trabalho e colaboração da comunidade? 2° - Se a população votasse contra a construção da nova Igreja, como a diretoria iria proceder para revogar o contrato já firmado com o Dr. Plínio Totta? 3° - Conforme os relatos da história oral, esse plebiscito efetuou-se de forma nebulosa ou apenas foi um erro do Pe. Atalibo Lise em não fazer os registros nos livros de forma em que seguissem uma ordem cronológica? São questões que entram em conflito quanto à veracidade do plebiscito, apesar de todo empenho de alguns setores ligados à Igreja em legitimar a história oficial dos fatos.



Fotografia 18: Início da demolição da Igreja Matriz São José. Ano: 1969. Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Miguell Illa Font, acesso em set.2016)

Apesar de todo esse enigma em torno do plebiscito, a diretoria da paróquia São José fez valer sua decisão, apoiada pelo Pe. Atalibo Lise, e logo em 19 de maio de 1969 começaram as obras de demolição da Igreja Matriz São José, mesma data em que foi instalada a comissão pró-criação da Diocese de Erechim.

2.4 O valor simbólico e cultural da Igreja Matriz

A concepção que a sociedade tem hoje acerca da preservação de sua história foi moldada ao longo do tempo e difere-se em grande medida no que permeava do ideário no passado. Em várias ocasiões, então, são contestadas no presente ações que foram executadas em um tempo atrás, porém muitas fontes de pesquisas que elucidariam fatos considerados mal resolvidos ou que tiveram um rumo incerto são escassas. Entretanto, o pesquisador pode e tem a opção de utilizar a história oral associada às fontes disponíveis para fazer um retrospecto e uma análise de um caso do passado.

E visivelmente quando a comunidade de Erechim e região conseguiu construir a sua Igreja Matriz, idealizada pelo Pe. Benjamim Busato e por todos os fiéis que professavam a fé católica, foi causa de grande alegria e orgulho. A construção exigiu sacrifícios materiais e espirituais, pois uma considerável parcela da população era de origem humilde e mesmo assim colaboraram com donativos. Outros ajudaram em festas e quermesses para arrecadação de fundos. Outro fator relevante era a dificuldade em se obter o material para a construção, visto que Erechim, apesar de estar no circuito de uma ferrovia, estava longe dos grandes centros comerciais, e a oferta de materiais necessários não era abundante como se evidencia na atualidade.



Fotografia 19: Parte do Cartão Postal, da década de 30 (entre 1931/1934, tirada por M. Thomazoni, fotógrafo retrata Igreja Matriz São José). (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Toda dificuldade imposta pela precariedade daqueles tempos não abalou a fé dos idealizadores da construção da Igreja Matriz, pelo contrário, serviu de incentivo para essas pessoas perseguirem esse objetivo até o final. Pode ser observado que para uma comunidade de grande fervor religioso é de grande estima possuir uma igreja que seja motivo de orgulho perante as outras cidades, e que ainda seja a demonstração da fé e perseverança dos fiéis na edificação de um templo. Independente do credo religioso, seus seguidores em grande medida querem fazer suas preces reunidos em baixo de um mesmo teto que represente a sua fé.

É importante considerar ainda que se produziu sob o teto dessa igreja uma memória coletiva: batizados, eucaristias, casamentos, missas do galo, celebrações da Páscoa, entre tantas outras celebrações que marcaram a vida das pessoas que visitaram, oraram e comungaram com Deus reunidos nesse mesmo lugar. E não só na parte interna da igreja, uma vez que na parte externa havia um espaço onde antes e depois das celebrações a comunidade se reunia para conversar, saber das novidades, as crianças aproveitavam a oportunidade para brincadeiras longe do olhar dos pais, as moças e rapazes flertavam e sonhavam em um dia casar-se naquela bela igreja. O Sr. Mozart Lago (2017) enfatiza que:

Mas o grande prejuízo também que eu vejo, era que na frente da Igreja tinha uma praça, porque a Igreja era bem recuada, a palavra certa eu acho que é paço da Matriz, e esse era um local de eventos, assim que as pessoas saíam das missas dominicais logo se confraternizavam por aí, todo mundo bem vestido, depois

desfilavam pela avenida, ou na entrada de um casamento ou numa formatura, acontecia nessa praça defronte a Matriz. [...] Hoje poderia se usar aquilo para muita coisa na cidade, para qualquer evento cultural, feiras, imagina uma feira de livros... Na nova igreja [atual Catedral] se construiu até a calçada então se perdeu um espaço magnífico [...] Tinha uma frequência festiva na Igreja velha, tinha o social, tinha o glamour, que depois enchia a avenida, todo mundo ia de gravata, as mulheres bem vestidas, os cabelos arrumados [...] (informação verbal)²²

Esta afirmação vem ao encontro da explicação concedida pelo Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017):

A Igreja Matriz era referência, Erechim tinha uma vida social bem menos dinâmica, não que hoje tenha uma vida tão dinâmica, mas na época era bem menos, muita coisa girava em torno da Igreja, do Clube do Comércio, do Atlântico e do Ypiranga, eram os pilares. O pessoal saía da Igreja Matriz e na frente tinha um bar, o bar do Marimba. Era um boteco. O que acontecia: as senhoras ficavam dando voltas na avenida e os homens iam para o bar do Marimba comer mondongo, tomar vinho e jogar cartas. [...] (informação verbal)²³

Para muitos fiéis esse templo representava não apenas a conquista de edificar uma casa de oração a Deus, mas um local onde todos pudessem confraternizar tanto suas conquistas como suas angústias. Sobre essa sociabilidade que transcendia além das paredes da Igreja Matriz, Dona Gelcy Munaretto (2017) faz a seguinte descrição:

Até era uma coisa engraçada que hoje não fazem mais, naquela época quando tinha um casamento de uma pessoa conhecida ou não conhecida, a curiosidade... [...] Aquele espaço na frente da Igreja ficava lotado de pessoas para ver a noiva entrar... Porque era um espaço enorme, era lindo de ver. Até festas se faziam lá [...] Eu lembro assim que quando na missa das 10 horas, é um fato muito engraçado, porque nós tínhamos que ir à missa, isso quando solteira, então nós tínhamos uma turma de 10 ou 12 [moças], a gente ia à missa, e um pouquinho antes da benção, estavam escaladas 3 que iam ao Café Grazziotin reservar lugar para quando terminasse a missa nós irmos no Café Grazziotin, isso já era registrado nosso... Mas como nós fazíamos isso, outras pessoas também faziam isso. Mas o ponto positivo era a Igreja, o local dos encontros no domingo de manhã era na Igreja [...] Porque o jovem frequentava muito a Igreja [...] (informação verbal)²⁴

Essas lembranças estão presentes na memória de muitas pessoas que tiveram o privilégio de vivenciar e apreciar todo esse passado saudoso. Mesmo que a religião católica

²² Entrevista com Mozart Luiz Lago. Erechim, 06 de abril de 2017.

²³ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

²⁴ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

condene em sua doutrina a vaidade, os católicos de Erechim se envaideciam em frequentar a Igreja Matriz e fazer parte desta paróquia. Mas, de acordo com as fontes escritas e orais, essa vaidade, esse orgulho pelo templo edificado pelo esforço comum era autêntico, pois a Igreja Matriz era de uma beleza singular. É perceptível nos depoimentos dos entrevistados de como a religião se fazia presente na vida social das pessoas. Certamente que eram outros tempos e a doutrina da religião católica era apreciada com mais rigor. Isto é fato pela simples menção de as pessoas e principalmente os jovens frequentarem com assiduidade a Igreja. No entanto, através desse compromisso de assistir às missas se desenvolvia uma cumplicidade entre esses frequentadores que, depois de terminada a cerimônia, exerciam sua sociabilidade, seja no paço da Matriz, no Café Grazziotin, no bar do Marimba ou simplesmente ao passearem pela Avenida Maurício Cardoso.



Fotografia 20: Festa Cristo Rei, celebrada em 15 de abril de 1943, Povo em frente à Igreja Matriz São José. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Quando a Igreja Matriz foi demolida houve uma grande comoção por parte da população erechinense. Apesar de estar sentenciada à demolição e aprovada pela “voz de Deus” e pelo “voto do povo”, quando se iniciaram os trabalhos de fato é que a repercussão

parece ter sido maior. Foi um acontecimento que chocou por ser algo agressivo tanto no plano material como no imaterial. Não eram apenas paredes, pedras e cimento vindo a - baixo pela violência das detonações de dinamite, mas eram memórias individuais e coletivas sendo arruinadas pelo processo arrebatador que sinalizava o preâmbulo dos novos tempos. O Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017) expressa seu pesar quando expõe a seguinte lembrança:

O meu avô, eu lembro que ele ficou muito bravo que embora ele também fizesse parte [participava do cotidiano da Igreja], mas ele era aquele cara que ia à missa todos os dias, era muito bem relacionado, foi vereador, concorreu à prefeitura... Ele certamente foi voz vencida. Por que da revolta? Por que a minha bisavó tinha doado um dos vitrais da Igreja [...] Mas o que se ouvia, eu era um piação na época, mas nas conversas principalmente no Café Grazziotin tinha um grande número de pessoas que era contra a decisão que havia sido tomada, porque o círculo que estava mais junto ao padre, tinha tomado essa decisão, vamos fazer e está feito e fim. (informação verbal)²⁵

A menção do Sr. Theodoro Tedesco Neto ao desgosto do seu avô quando a Igreja foi demolida confirma o quanto as pessoas que trabalharam ou colaboraram de alguma forma para construir a Igreja Matriz ficaram magoadas. A família do Sr. Theodoro Tedesco Neto é uma família pioneira nesta cidade e que contribuiu em todas as instâncias para o desenvolvimento de Erechim, sendo que é intrigante o fato do Sr. Theodoro Tedesco, avô do entrevistado em questão assim como outros membros de respaldo na comunidade não terem voz ativa nesse momento. Muitas famílias, à época da construção da Igreja Matriz, doaram vitrais, portas, peças decorativas, imagens ou quantias em dinheiro para colaborar com a paróquia. Entretanto, na hora em que foi decidida a demolição, é possível supor que estas famílias não foram consultadas de forma adequada. Se o tivessem sido não ficaria esse ressentimento e estas questões mal esclarecidas que de tempos em tempos são reavivadas pela memória dos que vivenciaram os fatos na época.

²⁵ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.



Fotografia 21: Comunhão oficial de Páscoa das moças de José Bonifácio, em 1942. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

Em grande medida, as transformações ocorridas nas cidades tanto no plano material como no social são desencadeadas por uma “nova” maneira de ver o tempo presente. Inspirados pelo *Zeitgeist*²⁶, os indivíduos buscam romper com o passado e afirmar novas concepções culturais. A problemática dessas novas concepções culturais se faz mais nociva à sociedade quando justamente para afirmar esses novos paradigmas é desvalorizado o patrimônio histórico. A destruição da Igreja Matriz de Erechim é um exemplo de depreciação de um prédio histórico que foi demolido em prol das novas tendências modernistas e de fatos indistintos que ainda permanecem latentes na memória dos moradores mais antigos dessa cidade. Portanto, é de grande relevância a análise dos processos que permearam o ideário da sociedade erechinense desde a construção da igreja até sua demolição. Como faz notar Karla Fünfgelt em sua obra *As transformações da paisagem da área central e a falta de preservação da memória urbana da cidade de Erechim (RS)* (2004):

²⁶ Conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. O conceito de *Zeitgeist* foi introduzido por Johann Gottfried Herder e outros escritores românticos alemães.

As cidades, espaço do homem, se transformam, se modificam para se adaptar as novas necessidades da sociedade, a cada período histórico, deixando em suas paisagens o testemunho de seu passado; de sua história e de sua memória cultural. No entanto, a forma predadora de crescimento das cidades, tem levado a uma constante destruição destas marcas do passado nos processos de renovação urbana, apoiados nos conceitos de “progresso e modernidade”. (FÜNFELT, 2004, p. 1)

Apesar de a sociedade estar em constante transformação, é no seu passado que se encontram as suas raízes e a formação de sua identidade cultural e material. É visível que a preservação do patrimônio histórico é uma forma de valorizar toda experiência da humanidade ao longo de sua história e manter vivo no presente as memórias que fazem parte dessa história.



Fotografia 22: Igreja Matriz São José – ao lado a casa canônica. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

CAPÍTULO 3

3 A NOVA IGREJA

3.1 A questão da demolição do patrimônio edificado

Os novos tempos ou a chamada “modernidade”, palavra corriqueira no vocabulário brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, também se evidenciou na sociedade erechinense. O auge era acompanhar o que era moderno e renovar em todos os sentidos: na arquitetura (nos espaços internos e externos), nas roupas, nas músicas, nos modos de pensar e agir, nas relações, enfim, era o momento de enterrar e esquecer o velho e receber o novo, arauto de prosperidade e felicidade. Este capítulo é dedicado a tecer algumas considerações acerca da preservação do patrimônio cultural, baseado em um referencial teórico desenvolvido por especialistas no assunto, entre eles: Lemos (2006), Fünfgelt (2004), Suano (1986) e Bourdieu (2007). Na sequência será exposto, através dos relatos da história oral, como se deu a construção da Catedral de Erechim, suas especificidades arquitetônicas, e de como foi a recepção da comunidade em relação à esta. Também será abordado acerca das motivações que levaram a demolição da Igreja Matriz para ser substituída pela nova Catedral.

Nas colocações de Lemos (2006, pp. 7-10) sobre o patrimônio histórico, assunto que repercute com evidência na sociedade contemporânea, é apenas uma generalização na designação de um segmento de algo que compreende um acervo maior que é o chamado patrimônio cultural. Nesse sentido, o patrimônio cultural seria dividido em três categorias: a primeira categoria elenca os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente (por exemplo: rios, plantas, animais, o clima, as paisagens naturais, entre outros.). A segunda categoria é composta de elementos que se referem ao conhecimento e a técnica, ao saber e ao saber fazer (como por exemplo: saber polir uma pedra, saber construir, saber tecer o pano da coberta da cama, saber jogar cartas, etc.). São esses os elementos imateriais do patrimônio cultural. O terceiro grupo de elementos compreende os bens culturais que integram objetos, artefatos e construções obtidas através do meio ambiente e do saber fazer. Para o autor, este último grupo pode ser simplificado na palavra “artefato” tanto para designar um machado de pedra polida como um foguete interplanetário ou uma igreja.

A questão da preservação do patrimônio cultural então pode ser entendida não apenas como a preservação dos artefatos, sendo que ela também abrange o zelo pelo meio ambiente e ecossistemas, assim como a permanência de práticas e costumes que ao longo dos anos tendem a serem esquecidas ou suplantadas:

A existência do patrimônio material e o reconhecimento de patrimônios imateriais por parte das políticas públicas permitem o conhecimento dos habitantes cidadãos de seus percursos históricos e promovem a consciência do viver social – uma consciência coletiva que não só depende da memória construída, mas contribui para a memória social e coletiva dos cidadãos. (ROCHA, ECKERT, 2007, p. 346)

A preservação de artefatos, mais precisamente de prédios históricos, é uma problemática recorrente em face à expansão do capitalismo. Os grandes conglomerados e corporações imobiliárias sustentam o conceito de construir obras gigantescas e modernas, que comportem a dinâmica da globalização. São raros os casos em que os prédios antigos são mantidos, salvo aqueles resguardados pela lei ou por alguma iniciativa de grupos privados:

Existem também importantes e históricos exemplos de construções que tiveram seus usos originais substituídos, embora a função abrigo própria do espaço arquitetônico continuasse sendo exercida. Como exemplo, podemos citar o caso das basílicas romanas, construções laicas, que tiveram suas dependências integralmente aproveitadas depois da liberação do cristianismo para abrigar as novas funções religiosas da igreja São Pedro. (LEMOS, 2006, p. 13)

Cada país, ou ainda cada região delibera acerca de como preservar o seu patrimônio cultural. Ainda assim, existe um consenso e certas regras definidas pela UNESCO²⁷, entidade que tem também como suas atribuições, promover atividades culturais para as comunidades valorizarem seu patrimônio cultural através da preservação das entidades culturais e tradições. Nos países europeus, a tradição e valorização do patrimônio cultural antecedeu aos países considerados “periféricos”, como por exemplo, o caso do Brasil. Este aspecto também é comentado por Fünfgelt (2004, p. 16): “Ao longo do processo histórico, os administradores das cidades brasileiras, têm, sistematicamente, destruído a memória urbana, a partir dos novos conceitos de modernidade e progresso [...]”. A preservação de artefatos, assim como da memória social, não evidencia lucros, pelo contrário, é dependente de investimentos financeiros por parte de governos que se mostram ocupados demais em modernizar os países que comandam. Lemos (2006) aponta que:

²⁷ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Essa questão da memória social, tão dependente da preservação sistemática de segmentos do Patrimônio Cultural, tem sido tratada com seriedade somente agora nos tempos recentes, a partir dos primeiros movimentos europeus da segunda metade do século XIX. Antes, só manifestações isoladas de estudiosos e colecionadores que, aos poucos foram envolvendo e interessando as comunidades e os seus próprios governos, levando-os a, oficialmente, promover a preservação dos chamados Patrimônios Históricos e Artísticos [...]. (LEMOS, 2006, p. 22)

Toda sociedade produz ao longo de sua caminhada, além dos artefatos necessários à sua sobrevivência, e também os supérfluos, uma memória social. Essa memória social é coletivamente construída e reproduzida pelos indivíduos ao longo do tempo. A memória social é passível de mutações e pode ser também seletiva, sendo que em alguns casos nem todos os fatos importantes para determinada sociedade ficam registrados na memória ou para serem transmitidos para as futuras gerações. Essa seletividade advém das relações de poder intrínsecas nesse processo, sendo que algumas narrativas são contempladas por privilegiarem a um determinado grupo ou a determinado tema:

Se devemos preservar as características de uma sociedade, teremos forçosamente que manter conservadas as suas condições mínimas de sobrevivência, todas elas implícitas no meio ambiente e no seu saber. Acima empregamos a expressão “devemos preservar” como sendo uma obrigação, o que é correto, já que a todos só pode interessar a ideia ligada à salvaguarda de nossa identidade cultural. Assim, deveriam ter prioridade de atenção os elementos componentes dos recursos materiais e todos os outros não tangíveis ligados ao conhecimento, especialmente à técnica. (LEMOS, 2006, p. 24)

A preservação do patrimônio cultural se evidencia com uma significação diferenciada no tempo presente, visto que, em um passado recente, a preservação tanto da cultura material como da imaterial não despertavam o interesse de boa parte da sociedade, de seus governos ou mesmo de grupos de intelectuais. Dessa maneira, a conservação de alguns artefatos ou as denominadas coleções de objetos estavam restritas a círculos fechados de intelectuais ou pessoas mais abastadas. Certamente não se pode negligenciar a existência de museus, mas estes também, ao longo da história, necessitaram redefinir seu papel na sociedade. Suano (1986) destaca que:

É só nos anos 60 que a Europa vai conhecer movimentos para “dinamizar” seus museus, dentro da reivindicação pela democratização da cultura que agitou o final da década e produziu substanciais mudanças nas estruturas culturais existentes, do

museu à universidade. E as mudanças atingiram a cidade em cheio (melhoria de condições de vivência, circulação e lazer) e acabaram dando ênfase aos “planos reguladores urbanos”, até hoje dos mais eficazes instrumentos na preservação do Patrimônio Cultural. A França e a Itália são as nações mais inquietas e férteis do período: criam-se programas culturais novos e aparece com destaque a figura do “agente cultural” e do “museólogo”, ambos de incerta definição. (SUANO, 1986, p. 54, 55).

No que tange à preservação do patrimônio cultural na cidade de Erechim, somente no ano de 1994 é que são regulamentadas leis que através do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental Sustentável (PDDUAS)²⁸ regularizam a preservação das paisagens e da memória urbana. Ficam expressos que as áreas de interesse paisagístico também concernem: “As paisagens urbanas construídas pelo homem, de caráter histórico e cultural” (ERECHIM, Lei 2595/94, 1994, art. 51). Já a regulamentação da proteção da paisagem urbana fica expressa no seguinte artigo:

Art. 53 – A proteção da paisagem urbana ou de seus elementos, será efetuada através da:

I – Preservação de edificações de interesse sociocultural;

II – Promoção e preservação das edificações em geral, dos logradouros públicos com seus equipamentos e dos componentes visuais e de comunicação; (ERECHIM, Lei 2595/94, 1994, art. 53).

Além da Igreja Matriz, muitos prédios de relevante valor histórico foram demolidos na cidade de Erechim, considerando que nos anos anteriores à lei 2595/94 não haviam leis que regulamentassem acerca da preservação do patrimônio edificado. Não se objetiva configurar uma análise anacrônica dos fatos, pois, é evidenciado que a concepção de preservar só surtiu sua importância consideravelmente na sociedade nas últimas décadas. Dessa forma, a cultura também passa a ter novas conotações, assim como a importância do resgate da memória e da identidade cultural:

Art. 59 – Áreas de Interesse Cultural são aquelas que contêm espaços ou edificações dignas de serem preservadas e valorizadas, com vistas a proteção da memória e da paisagem urbana objetivando a elaboração e execução de planos e programas destinados a:

I – Promover a cultura através da preservação, restauração, recuperação e valorização do patrimônio edificado e de seus valores culturais intrínsecos;

²⁸ Esta Lei estabelece o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental Sustentável de Erechim (PDDUAS), define seus objetivos e diretrizes básicas de conformidade a legislação supra municipal pertinente e em especial a Lei Federal nº. 10.257, de 10 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade e a Lei Estadual nº. 10.116, de 23 de março de 1994 e dispõe sobre os instrumentos jurídicos e urbanísticos para sua implementação quanto aos aspectos de peculiar interesse municipal.

II – Incentivar a participação da sociedade no resgate de sua memória e identidade cultural. (ERECHIM. Lei 2595/94, 1994, art. 59)

O artigo 59 citado acima determina que os espaços ou prédios de valor histórico devem ser preservados para que a sociedade participe de forma ativa nesse processo. Além de preservar, fica explicitado o dever de “restaurar e recuperar”. Embora os princípios estabelecidos neste artigo sejam animadores e de notável zelo pelo patrimônio edificado, ainda assim, na prática, a preservação de prédios históricos depende muito das circunstâncias do momento político e econômico local. É pertinente citar este artigo que se refere à regulamentação acerca de construções, reformas e demolições:

Art. 61 – Quaisquer obras de reforma, demolição ou construção, realizadas em prédios inventariados como de interesse sociocultural (sic), ou nos lotes que os mesmos pertençam, deverão ser previamente analisadas pelo Órgão Técnico da Prefeitura, ouvido parecer do Conselho do Plano Diretor. (ERECHIM. Lei 2595/94, 1994, art. 61).

Ainda que este órgão técnico da Prefeitura fiscalize todo processo referente às edificações, nem sempre o que é previsto em lei é executado. A preservação e restauração de prédios públicos demonstram essa complexidade em relação ao que está expresso na Lei e o que é exercido na prática. A legislação apresenta também as penalidades referentes ao não cumprimento do artigo anterior:

Art. 65 – A modificação não autorizada, a destruição, desfiguração, o desvirtuamento no todo ou em parte das Áreas Especiais, o sua utilização incompatível com os usos permitidos, estão sujeitas às seguintes penalidades:

I – Interdição parcial ou total da atividade;

II – Perda ou restrição de incentivos e benefícios fiscais concedidos pelo município;

III – Embargo da obra;

IV – Reparação dos danos causados, restauração do que houver danificado ou reconstrução do que houver alterado ou desfigurado;

V – Demolição de construção ou remoção de objeto que interfira com os entornos de proteção e ambientação. (ERECHIM. Lei 2595/94, 1994, art. 65).

As penalidades expressas no artigo 65 para eventuais transgressões da Lei ao patrimônio edificado demonstram atenção do poder público na preservação desse patrimônio. Entretanto, o que já foi demolido e substituído pelo novo dificilmente será reparado ou reconstruído. Restam ao poder público, às entidades culturais e à sociedade zelarem pelos

prédios históricos que ainda lutam para superar os obstáculos da deterioração e falta de recursos na reparação dos mesmos.

A demolição da Igreja Matriz de Erechim ocorrida na década de 1960 pontua muito bem a maneira de como parte da sociedade daquela época estava arraigada pelas promessas de modernidade e prosperidade. Essa contaminação pelo novo, essa euforia, sobrepujaram qualquer tentativa de preservar o belo prédio em estilo barroco pela ânsia de construir algo novo. E assim não se destruiu apenas um prédio, mas uma parte da memória da cidade de Erechim, como enfatiza Fünfgelt (2004, p. 16): “A memória de uma cidade também é a memória de seus habitantes. A sociedade necessita da exposição contínua de seu passado, pois é nele que são encontradas as referências para o futuro”.

3.2 A nova Igreja

As obras para construção da nova igreja iniciaram-se em 19 de março de 1969, sendo que o projeto desta apresentava um design moderno e funcional. Entretanto, estaria localizado no mesmo endereço da antiga Matriz, com a ressalva de que a frente do novo templo seria para Praça da Bandeira. Outro detalhe é que, para a construção da nova igreja, a casa canônica também precisaria ser removida. A direção da obra ficou a cargo do Pároco Padre Atalibo Lise e foram seus colaboradores: o engenheiro Plínio Totta de Porto Alegre (RS), responsável pelo projeto da obra, o engenheiro Almiro Badalotti e a Construtora Badalotti, incumbidos pela execução da obra. A área total construída seria de 1.300 m², com capacidade para 780 cadeiras.

Para a realização deste projeto era necessária uma quantia significativa de recursos financeiros, mas de acordo com os registros feitos pelo Pe. Atalibo Lise no Livro Tombo 2 (1962/1969), a diretoria resolveu durante uma reunião que iria solicitar uma contribuição mensal espontânea de todas as famílias, sendo que um zelador em cada quadra da cidade faria a visita nas casas para recolher o valor doado. A diretoria e ou comissão de obras era constituída pelas seguintes pessoas: Célio Bigolin, Hermes Bernardi, Lindomir Michelin, Edson Xavier, Orélio Pecin, Olmiro Zanardo, Luiz Frizzo, Fernando Sefrin Filho, Domingos Rosset, Marcelo Palma, Osmar Pedrollo, Elírio Toldo, Francisco Schmidt, Belmiro Zaffari, Carlos Gomes, Gilson Fehlauer, Anor Fontana e Tobias Pereira Sobrinho.

No histórico sobre a construção da Catedral registrado no Livro Tombo 3 (1969/1989), redigido pelo Pe. Atalibo Lise, há o relato sobre as dificuldades em angariar fundos para a

obra, sendo que embora os paroquianos contribuíssem com dinheiro e mão-de-obra, ainda assim não era o suficiente para a obra se concretizar. Em meados de 1974 já haviam sido erguidas as paredes e também colocado o telhado, entretanto muita coisa ainda havia por fazer. A fim de dar prosseguimento às obras, a diretoria fez um convênio com o Dr. Manuel Pedro Paludo, um convênio que consistia no sorteio de vários automóveis para as pessoas que comprassem o cupom do referido sorteio. Também para estimular os paroquianos e ao mesmo tempo arrecadar dinheiro, quem estivesse com o seu centésimo em dia concorria ao sorteio de milhares de bíblias.

Outros mecanismos usados para a conclusão efetiva da Catedral, isto já em 1976, foram a “Campanha do forro” que consistia em pagar um metro quadrado de forro no valor de Cr\$100,00, e em 1977 foi feita a “Campanha da cadeira”, que consistia em pagar uma cadeira à vista ou em prestação no valor de Cr\$300,00. Os vitrais foram colocados entre 1975 e 1976. Já a parte final que dependia da decoração foi feita em fins de 1976 e início de 1977. O custo total, na época, foi de Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de Cruzeiros).



Fotografia 23: Inauguração da Catedral São José em 1977. Vista externa da igreja. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set. 2016)

A inauguração aconteceu no dia 15 de maio de 1977 e o destaque da obra está em seu interior, o qual contém painéis esculpidos em alto relevo em alvenaria. São três painéis

maiores e centrais (neles estão esculpidos a Santa Ceia, o Batismo e a Ressurreição de Cristo), 14 quadros grandes da Via-Sacra e símbolos menores em baixo-relevo (esgrafito)²⁹. Essa belíssima obra foi idealizada e esculpida pelo artista plástico polonês Arystrarch Kaszkurewicz. O artista plástico erechinense Harrysson Testa participou dos trabalhos, oportunidade em que se iniciou na arte do esgrafito, alcançando projeção nacional e internacional. O desenho dos vitrais foi do Pe. Ary Nicodemos Trentin de Caxias do Sul.



Fotografia 24: Sequência da Via-Sacra esculpidas pelo Artista Plástico erechinense Harrysson Testa, na Catedral São José. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set. 2016)

A história do polonês Arystarch Kaszkurewicz demonstra empenho e obstinação apesar dos percalços enfrentados em sua trajetória. Ele nasceu em 12/02/1912, em Sluck, Polônia, e formou-se em Direito no ano de 1936 e, ainda como advogado, cursou Belas Artes. No entanto, com o advento da Segunda Guerra Mundial, ele foi vítima em uma explosão de granada, e, conseqüentemente, perdeu as mãos e uma das vistas. Naquele tempo a lei brasileira impedia a emigração de estrangeiros mutilados, sendo que, para residir no Brasil, Arystarch Kaszkurewicz obteve uma autorização por decreto do então presidente Getúlio Vargas, no ano de 1952. Veio a fixar-se em São Bernardo do Campo, SP, passando a dedicar-

²⁹ Técnica de pintura ou desenho ornamental (a fresco) que consiste em fazer incisões com um estilete, para deixar a descoberto a camada inferior de tinta, imitando baixos relevos.

se à arte sacra, notadamente à arte dos mosaicos e vitrais. Sua esposa Ludmila, lhe acompanhava sempre nos trabalhos.



Fotografia 25: Altar da Catedral São José. Comemoração da instituição da eucaristia na Última Ceia de Jesus, escultura em alto-relevo feito pelo artista plástico erechinense Harrysson Testa. (Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, acesso em set.2016)

O painel acima reproduzido tem como tema a Santa Ceia. Está localizado no centro, acima do sacrário, com 8 m de altura e 15,95 m de largura. Nota-se que para identificar o traidor de Cristo, Judas está sem auréola. À direita e à esquerda do quadro da Ceia está uma faixa com símbolos de trigo e uva, dos quais provêm o pão e o vinho para a Eucaristia. Sob a sigla JHS (em latim: Iesus Hominum Salvator – Jesus Salvador dos homens), acima do sacrário, discretamente, o artista deixou a marca de sua etnia, a águia polonesa.

O interior da Catedral São José sem dúvidas apresenta uma belíssima visão às pessoas que ali se reúnem, seja para celebração do corpo de Cristo, seja para fazerem as suas orações. O espaço interno é amplo e possui cadeiras estofadas para o conforto dos fiéis. A Catedral é aberta ao público no horário das missas e para outras celebrações que competem serem realizadas neste recinto. Durante o dia, para os fiéis que desejam fazer as suas orações, há um local apropriado para este fim, a “Capelinha”, espaço que está situado ao lado esquerdo da porta principal da Catedral.

No subsolo da Catedral foi construído um espaço agradável que está reservado para eventos da paróquia, como almoços e chás beneficentes, cursos da pastoral, eventos relacionados à catequese ou mesmo para alguma eventual celebração eucarística. Mas este espaço nem sempre foi assim. Quando Dona Gelcy Munaretto assumiu a diretoria da Catedral ao lado de seu esposo Hilário, isto muitos anos depois da construção da Catedral, foi uma das primeiras pessoas a se dedicar em transformar esse espaço em um ambiente acolhedor e que preservasse em seu interior objetos da antiga Igreja Matriz. O objetivo de Dona Gelcy Munaretto era organizar neste espaço do subsolo um minimuseu, e assim ela saiu em busca dos objetos “perdidos”. A entrevistada relata que: “Quando assumimos a Catedral o meu sentimento era tão grande de ver aquela destruição e tinha o subsolo da Catedral, faziam churrascos, almoços, mas era muito simples [...] E eu comecei a ir atrás de quem havia adquirido peças de quando houve a demolição da Igreja.” A intenção de Dona Gelcy era resgatar um pouco do passado da antiga Igreja Matriz para que não se perdesse no tempo as memórias desse passado. No entanto, Dona Gelcy Munaretto (2017) relata:

Mas houve uma rejeição das pessoas em fazerem devoluções, então se você perguntar quanta coisa eu consegui de devolução eu vou te dizer nada. O que tem no subsolo foram fragmentos do altar que eu encontrei embaixo da lenha onde jogavam a lenha para fazer churrasco, e lá em baixo eu encontrei uma peça, depois outra e passava as tardes lá tirando lenha [...] Até que um dia encontrei a cabeça do São José, o corpo estava demolido, mas a cabeça do São José estava intacta [...] (informação verbal)³⁰

Esta negativa das pessoas em devolver os objetos que ornamentavam a antiga Igreja Matriz demonstra que ainda resistia uma situação do passado que não fora definida. Torna-se complexo discorrer acerca desse assunto, pois como definir a rejeição das pessoas que não concordaram em devolver para a paróquia o que a ela pertencia? Ou expressa uma atitude egoísta e inapropriada ou pode ser pensada como um ato de resguardar para si o que restou do passado memorável da antiga Igreja Matriz. Outra passagem interessante descrita por Gelcy Munaretto (2017):

[...] eu fui atrás das portas da Igreja, porque para mim as portas da Igreja eram a relíquia da Igreja, era a porta da igreja, eram as portas que foram feitas com o suor do povo, ela era toda esculpada, pelo lado de dentro e pelo lado de fora [...] Essas duas portas sim, essas eu vou fazer nome, estas portas quem levou para guardar elas foi o Oscar Abbal. E ele ficou com elas lá na loja dele, no estabelecimento dele, tanto que o Padre Lise sempre me dizia, que ele [Oscar Abbal] era o guardião dessas portas. E eu lembro que quando eu estava fazendo essa reforma [do subsolo] eu fui visitar ele e solicitei as portas, e ele meio quis dar de entender que ele tinha

³⁰ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

comprado; eu disse que comprado não [...] que era da comunidade, que isso eu sabia [...] (informação verbal)³¹

Se o projeto de criar um acervo, idealizado por Dona Gelcy Munaretto, tivesse tido mais apoio da comunidade, especialmente das pessoas que possuíam objetos religiosos que adornaram a antiga Matriz, tal projeto configuraria uma experiência interessante, onde o passado estaria exposto ao lado do presente. Mesmo assim, muitos objetos foram encontrados no subsolo e restaurados e agora estão expostos neste subsolo para apreciação da comunidade.

3.3 Opinião popular

Após a conclusão da nova Igreja Matriz, esta agora na condição de Catedral, pois havia sido feito além da campanha de construção da nova Igreja uma campanha para a instalação de uma Diocese e ambas as campanhas tiveram êxito, teve início uma nova fase na dinâmica que gravitava em torno do novo templo, com uma administração ativa que atendia aos novos tempos da recém-fundada Diocese. Quando é criada uma Diocese, a Igreja mais antiga da sede diocesana passa a ser a Catedral e nela o bispo exerce a sua função como doutor da Igreja e profeta, e, ainda como sucessor direto dos doze Apóstolos, o bispo tem a jurisdição completa sobre os fiéis da sua Diocese (CATEDRAL (SITE)). Não era apenas a estrutura física que apresentava o modernismo, mas o compromisso de sediar uma Diocese necessitava de apoio da comunidade para estabilizar e sacramentar a nova situação de Bispado.

Os relatos da história oral que remontam aos fatos ocorridos durante a construção da nova Igreja, à instalação da Diocese e à inauguração da Catedral descrevem uma comunidade fragmentada e revoltada. É corrente no senso comum as pessoas polemizarem certos fatos, mas de acordo com as pesquisas realizadas, a revolta dos moradores de Erechim não evidenciava casos isolados de pessoas descontentes e ainda o que era contestado possuía legitimidade. As pessoas estavam impactadas diante do cenário de destruição da antiga Matriz pela sua violência material e emocional. A descrição do Sr. Mozart Lago (2017) é apresentada dessa maneira:

³¹ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

Foi muito rápido, e então eles tinham que cercar tudo para pôr dinamite, e isso era agressivo, isso mostrava que a obra era boa, porque tinha grandes pilares, e imagina que a obra era um amontoado de pedras gigantescas, e eles não conseguiam derrubar aquilo, aí botavam esses dinamites [...] Que coisa agressiva que povoa a nossa memória... Que coisa agressiva... (informação verbal)³²

Conforme os idealizadores da construção da nova Igreja percebiam a crescente revolta era dado um ritmo acelerado na demolição da antiga Igreja, para assim apagar literalmente e definitivamente da memória das pessoas a visão da antiga Igreja Matriz. Outro aspecto levantado por Mozart Lago (2017) é de que no momento, embora a população estivesse inflada de indignação, as forças vivas da cidade em momento algum reagiram ao episódio. Como a cidade de Erechim foi projetada nos moldes positivistas, estavam concentradas no entorno da Praça da Bandeira o poder religioso (Igreja), o poder político (executivo e legislativo), e o poder jurídico (fórum). Muito próximos também estavam localizados os estabelecimentos de ensino e de imprensa (jornais e rádio), mas todas essas instituições permaneceram caladas e não tiveram nenhuma atitude que implicasse em uma intervenção. Pode-se arriscar que estas entidades não desejam se indispor com a diretoria composta para construção da nova Igreja ou porque realmente aprovavam a construção da nova Igreja. Esta particularidade também é comentada pelo Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017):

É... Eu lembro vagamente... Foi um crime de lesa pátria, e não houve assim... Foi decidido... Foi decidido. Mas não esqueça, eu estou me dando conta agora do seguinte, 68... 69... Início da década de 70 nós vivíamos os anos de chumbo, eu não sei até que ponto tinha a mão do poder público, mas o povo estava assim, qual era a norma número 1, a regra número 1 era não questione. Eles tomaram conta da cidade, [os militares], eles implantaram um regime de terror aqui [...] Eram os anos de chumbo, e a população o que a população faz, ela não faz nada, obedece, era assim, tu falava né... [...] Eu lembro que quando começaram a demolir [a Igreja] a ordem era que quanto mais rápido melhor, sabe para terminar mesmo, para não ficar...Vai que o pessoal se revolte! (informação verbal)³³

Os questionamentos na época da demolição da Igreja Matriz eram muitos, mas como é muito bem lembrado pelo Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017), não eram tempos de democracia e o cidadão vivia condicionado a um estado de medo. Independente de a questão em si ser de caráter religioso, tratava-se de uma questão que envolvia vários segmentos da sociedade e certamente do Poder Público. Em vista disso, a parte da população que contestava

³² Entrevista com Mozart Luiz Lago. Erechim, 06 de abril de 2017.

³³ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

a demolição o fazia em família, em círculos fechados e algumas vezes em público, mas sempre com receio de sofrer alguma represália. Em correlação a esse cenário antidemocrático, o Sr. Mozart Lago (2017) reforça que o poder político na cidade de Erechim havia mudado, sendo que haviam novas lideranças políticas na cidade.

A revolta, embora velada, era grande, sendo que logo que a nova Igreja tomava forma, os comentários tornavam-se mais críticos. Com a conclusão da obra, muitas pessoas da comunidade foram enfáticas ao descrever o novo templo. Ainda na época do início da demolição até a edificação e conclusão da nova Igreja, Dona Gelcy Munaretto (2017) faz esta consideração acerca da opinião pública:

Eram contra [a demolição da Igreja]. Aí houve isso aí, interesses financeiros... Interesses culturais? Por quê? Trocar uma coisa antiga, maravilhosa por uma coisa que no começo a gente dizia que era um supermercado. A modernidade... Eu sou fã da modernidade, mas não a que destrói as coisas antigas. (informação verbal)³⁴

As afirmações de Dona Gelcy Munaretto (2017) são reforçadas nas palavras do Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017) quando ele afirma que população logo passou a chamar o novo templo de supermercado em virtude de seu design arrojado e moderno. Ele destaca que:

Então o que se ouvia era isso, uma parte da população enraivecida porque decidiram demolir a Igreja que era um patrimônio do povo. Foi construída em tempos difíceis, mas o sentimento maior assim... Demoliram um templo para construir um supermercado, é o que mais se ouvia, mais se comentava. E os responsáveis quem eram, eram o grupo... Embora se tenha falado em plebiscito. (informação verbal)³⁵

Embora a revolta e o questionamento da população não demonstrassem muita preocupação por parte da diretoria da Catedral e o bispado instalado era recente, as pessoas demonstraram seu descontentamento não frequentando o novo templo. A revolta da população se evidenciou quando muitos paroquianos, após a inauguração da Catedral, começaram a frequentar outras paróquias. E a expressão “supermercado” ficou consolidada nas conversas quando o assunto era a nova Igreja. Quando da aceitação da nova Igreja e da nova Diocese o Sr. Mozart Lago (2017) reforça: “[...] o bispo não conseguiu aglutinar muito a população, botaram o apelido de supermercado [na Igreja] que coincidiu com a chegada de supermercados aqui, e apelidaram a Igreja de supermercado [...]”. Quando foi questionado ao

³⁴ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

³⁵ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017), durante a entrevista, se sua impressão foi positiva ao ver a nova Igreja, ele manifestou sua visão da seguinte maneira: “Não, continua sendo a mesma, é como um supermercado. A grande maioria da população, os que conheceram a antiga Igreja, o ponto de vista era o mesmo [...]”.

Um artigo muito interessante foi publicado no *Jornal A Voz da Serra* no dia 17 de maio de 1977, quando da inauguração da nova Catedral e da instalação da Diocese de Erechim, provavelmente enviada para a redação pela gestão da nova Diocese ou pelo corpo diretor da Catedral. A matéria estava intitulada “*Ainda que em casa nova*” e a seguir é reproduzido um trecho do mesmo:

Uma página importante da vida religiosa de nossa Erechim será virada amanhã com a solene inauguração de nossa catedral diocesana.

Para os saudosistas inconformados, lembramos que o povo foi consultado e concordou com a demolição do antigo templo, sinal de que a humanidade caminha para a frente.

Para os conformistas, representa o trabalho de toda uma comunidade, sem mudar-lhe o local, garantindo-lhe a situação de destaque, em nossa acolhedora cidade.

Para os modernistas, aí está o monumento atual, que fala bem alto, de nossa capacidade criadora, de que podemos legar aos nossos pósteros. [...]

O que está feito, está feito e não poderá ser remediado [...] (JORNAL A VOZ DA SERRA, 17/05/1977)

O conteúdo do texto demonstra de forma irrefutável que houveram vários embates relacionados à destruição da Igreja. Ainda percebe-se que estava sendo passada uma mensagem para os inconformados, que estava sendo colocado um ponto final no assunto. O texto é enfático quando pronuncia aos “saudosistas inconformados” de que a população foi consultada e aprovou a demolição do antigo templo através do polêmico plebiscito. O fato é que se não houvessem divergências na comunidade quanto à essa questão não haveria necessidade de citar “os saudosistas inconformados” na publicação. Entretanto, para os moradores mais antigos de Erechim, quando abordado o assunto é visível que as memórias da antiga Igreja não deixaram apenas saudades, mas geraram um sentimento de revolta e de tristeza. O Sr. Mozart Lago (2017) tem a seguinte teoria:

A nossa Igreja durou alguma coisa como 35 anos, é muito pouco, qualquer casa dura 100 anos. Como é que eles derrubam uma obra de 35 anos? Poderiam muito bem ter feito uma nova Igreja num outro local. Falhou todo mundo, mas eu acho que foi a contaminação de Brasília, do Ypiranga, [construção da nova capital e do estádio na

cidade] e da FRINAPE, aquela euforia toda [a modernidade], falta de preparo, ou analfabetos, falta de conhecimento. (informação verbal)³⁶

A não preservação de um prédio, este de beleza sublime e clássica, associado a uma memória coletiva e individual de acontecimentos que marcaram a vida de muitas pessoas e de uma comunidade em geral é motivo de ressentimento e perda para um povo que fez sacrifícios materiais e espirituais para edificar um templo para oração. Para muitas pessoas perdeu-se o significado da verdadeira fé, pois associaram a destruição da igreja com a perda dos princípios que regem os católicos.

3.4 As motivações para demolição da Igreja Matriz

Muitos anos se passaram desde a demolição da antiga Igreja Matriz e a vida seguiu o seu curso avançando em todos os aspectos: sociais, políticos, econômicos e religiosos. É crescente o advento em que o pensamento social que corresponde à reflexão de uma sociedade sobre si mesma, sobre seu passado, seu presente e seu futuro busca explicações e respostas para a trajetória do homem enquanto ser social. As conjunturas do passado muitas vezes tornam-se complexas em seu entendimento dado o distanciamento temporal dos fatos ocorridos. Entretanto, este também é o objetivo da pesquisa histórica quando procura resgatar as memórias de outros tempos. No tema “A Igreja Matriz de Erechim” são analisados elementos que além de resgatar essas memórias procuram elucidar circunstâncias que até então parecem nebulosas. Muito se falou e se especulou sobre a demolição da antiga Igreja Matriz de Erechim, no entanto as reais motivações para o ocorrido ainda permanecem ocultas.

De acordo com a diretoria da paróquia São José, a construção da nova Igreja tinha como objetivo construir na cidade um templo com linhas mais modernas, mais espaçoso e funcional, e, conseqüentemente, foi um marco na transformação da área central da cidade. Toda inovação pode sofrer algum tipo de rejeição em um primeiro momento. No entanto, com o passar do tempo, as pessoas se adaptam ao novo contexto. Existe dualidade na problemática referente à demolição da Igreja Matriz e construção da Catedral São José quando se considera a ideia de que a construção da segunda só foi possível mediante a demolição da primeira. Esse também pode ser um dos motivos do pouco apreço da comunidade em relação à nova Igreja,

³⁶ Entrevista com Mozart Luiz Lago. Erechim, 06 de abril de 2017.

pois logo associam a “danação” da antiga Igreja. No entanto, especula-se se houve por parte da diretoria paroquial ou de algum segmento envolvido na construção da nova Igreja outras motivações. Acerca dessas motivações o Sr. Mozart Lago (2017) faz a seguinte interpretação:

Há um folclore na cidade que um jovem engenheiro precisava mostrar trabalho, outro folclore que determinada loja de materiais de construção precisava vender material de construção, isso que está levando a culpa, mas eu acho que [...] Isso faz parte do folclore e como as pessoas gostam e acreditam na lenda e divulgam a lenda, então publica-se a lenda que é o que todo mundo quer ouvir. Mas há esse comentário sim, o tempo todo [...] (informação verbal)³⁷

Como o Sr. Mozart Lago declarou acreditar, para ele não passam de folclore esses relatos. Existem, entretanto, muitas outras versões em que sugere-se que havia interesse de lojas que vendiam materiais de construção ou mesmo do setor de construção civil na demolição da Igreja Matriz para assim, com a construção da nova, aumentar as suas receitas. Para Gelcy Munaretto (2017) é um folclore com um fundo de verdade:

Eu acho... Talvez eu vá dizer uma coisa que vá chocar muito as pessoas, mas eu acho que foi questão financeira. Gente que queria ganhar dinheiro em cima disso. Da parte da sociedade, das pessoas de fora, ou por dinheiro ou por orgulho próprio de conseguimos fazer isso, vamos deixar uma Catedral para Erechim, uma obra de arte... Talvez uma obra moderna. Eu acho que foi por ganância, por interesses financeiros, houve um orgulho, eu acho que foi a vaidade do homem que fez tudo isso. Nós estamos agora saboreando esse gosto amargo, está aí a Catedral, a gente gosta dela, mas não esquece a nossa Igreja Matriz em hipótese alguma. (informação verbal)³⁸

A questão financeira volta a destacar-se conforme o relato de Dona Gelcy Munaretto, mas supõe-se que não era apenas dinheiro que estava em jogo, havia também a necessidade de alguém ou algum profissional consolidar seu status no mercado ou ainda buscar notoriedade em um legado arquitetônico deixado para a sociedade. Nas palavras do Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017):

E aí a decisão foi tomada. Isso está perdido nas poeiras do tempo... Tu vai poder conjecturar, porque certamente em uma reunião, isso é certo, [decidiu-se] e demoliu-se... Entende, tem que ter havido uma reunião, na verdade devem ter havido várias, mas houve um ponto de inflexão, nesse momento que se tomou a decisão: vai ser

³⁷ Entrevista com Mozart Luiz Lago. Erechim, 06 de abril de 2017.

³⁸ Entrevista com Gelcy S. Cerioli Munaretto. Erechim, 18 de abril de 2017.

demolida e ponto. Vamos inventar um plebiscito, vamos falar em plebiscito, mas a decisão já estava tomada. Essa decisão como eu te disse foi tomada em um pequeno comitê e se alguém sabe, talvez algum dos párocos antigos, nem sob tortura confessariam, alguém em um determinado momento disse vamos demolir, não sei se foi o pároco ou alguém da diretoria, mas alguém deu essa ideia, e ela foi comprada por outros e isso é o que importa. (informação verbal)³⁹

Como foi explicitado em várias citações transcritas dos Livros Tombo 2 e 3, o Pe. Atalibo Lise expressa em várias passagens que o seu antecessor, o Pe. Tarcísio Utzig, ambicionava construir uma nova igreja e até já tinha a aprovação do bispo de Passo Fundo. Então seria ele a lançar a primeira centelha para demolição da Igreja Matriz? No entanto, ele foi transposto para outra paróquia e assumiu o Pe. Atalibo Lise. A centelha estava lançada e provavelmente deveria circular nos bastidores da igreja a ideia de construir uma nova igreja e fundar uma Diocese. Logo formou-se a diretoria que deveria resolver quanto a reforma ou demolição. No entanto, conforme foi registrado nos Livros Tombo 2 e 3, e mesmo nos relatos da história oral, a decisão da demolição já estava tomada. Mas era necessário demonstrar que demolir a igreja era a vontade da maioria, ou melhor, evidenciar transparência nessa decisão.

O cenário atual democrático permite resgatar essas perguntas que nunca foram respondidas e ressurgem na memória das pessoas que tiveram o privilégio de conhecer a antiga Igreja Matriz. Embora a Igreja Católica esteja mais aberta ao diálogo sobre questões que antes sequer o assunto era mencionado, ainda assim existe uma grande diferença entre dialogar com a comunidade sobre fatos questionáveis do passado do que admitir as verdadeiras circunstâncias em que estes ocorreram. Mesmo querendo caminhar com a modernidade para evitar a sucessiva perda de fiéis para as Igrejas Pentecostais a Igreja Católica permanece dentro do casulo. Não obstante que, muitas vezes, surjam desvios de conduta desde as mais altas esferas do Vaticano até a capela mais humilde de uma pequena comunidade, ao longo de sua existência, a Igreja Católica permanece fiel a muitos ritos e a uma doutrina severa, e ainda evita de todas as formas vim a público fatos que possam degradar a sua imagem, mesmo que estes sejam fundamentados.

Durante todo o processo de demolição da Igreja Matriz e construção da Catedral, a diretoria responsável agiu em nome de toda comunidade paroquial tomando as decisões que considerava pertinentes aos fatos. Pode-se arriscar que a concepção de administração dessa diretoria paroquial fosse a mesma concepção política à que o país estava condicionado na

³⁹ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

época, que era uma Ditadura Civil Militar. Logo, não era relevante o que pensava ou aspirava a população e sim o que a diretoria considerava oportuno. É notório que a política está presente em todas as esferas da sociedade, começando na família, quando ainda há resíduos do sistema patriarcal regendo esta pequena célula. Nas famílias católicas, por muito tempo, o pai foi o chefe supremo da família, à quem todos deviam respeito e obediência. Na comunidade católica o Padre também exerce a função de “Pai” e líder de seu rebanho, sem contestações. Dificilmente na época da demolição da Igreja Matriz, a população mesmo descontente com o fato, assumiria uma postura contrária à diretoria paroquial e ao padre, porque os indivíduos estavam doutrinados a não contestar.

A política da Igreja Católica pode ser vista como um esquema piramidal em que é praticada desde as mais altas esferas (Vaticano) e tem o poder de interferir em situações de caráter mundial, como também é reproduzida dentro das Catedrais, Igrejas e Capelas e reflete diretamente na vida de seus paroquianos. Durante a demolição da Igreja Matriz ocorria também um processo político em que era tencionada a instalação da Diocese com sede em Erechim. Então, supõe-se que estavam acordados interesses financeiros, políticos e pessoais durante todo o processo.

Outra teoria que foi mencionada anteriormente pelo Sr. Mozart Lago (2017) sobre a falta de preparo ou uma população pouco desenvolvida intelectualmente também é digna de consideração. Essa “danação” imposta à Igreja Matriz pode ser uma consequência da constituição do “capital cultural” de boa parte dos erechinenses. Como afirma Bourdieu (2007), as práticas culturais, juntamente com as preferências em assuntos como educação, arte, mídia, música, esporte, posições políticas, entre outros, estão ligadas ao nível de instrução, submetidas ao volume global de capital acumulado. Logo o poder econômico e um elevado status social não são os únicos elementos capazes de qualificar um indivíduo com um relevante “capital cultural”, pois é na educação que este é acumulado. É importante ressaltar que a diretoria paroquial era composta por cidadãos “notórios”, alguns deles pela sua formação profissional, outros por serem empresários ou políticos proeminentes. Então é incompreensível que houve unanimidade na decisão de demolir a Igreja Matriz. Na verdade, especula-se que havia divergência inclusive para tomar essa decisão, pois alguns membros da diretoria e pessoas mais próximas deste círculo percebiam a precipitação em demolir o templo.

Mesmo que se procurem explicações aceitáveis ou as reais motivações para a demolição da Igreja Matriz, o Sr. Mozart Lago (2017) recorda: “[...] aqui em Erechim não houve reação de ninguém, das forças vivas da cidade: dos estudantes, dos jornais, das rádios,

vereadores, prefeitos, clubes de serviços, ninguém reagiu... Então não há inocentes nessa rixa de terceira classe, mesquinha e desonesta”. O Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017) reforça:

Mas assim, eu acho que as verdadeiras razões pelas quais a Igreja Matriz foi demolida elas estão enterradas. Eu tenho a minha verdade, provavelmente eu compactue com o que o Mozart falou, mas o que aconteceu, o cerne da questão, o porquê, a primeira faísca que propiciou essa... Foi uma detonação, literalmente foi uma detonação... Eu acho que o interesse era esse, o modernismo, alguém vender material, era dar esse aspecto de cidade, mas daí tem essa Igreja que está aí... Vamos fazer uma nova! (informação verbal)⁴⁰

Esta postura do Sr. Theodoro Tedesco Neto (2017), na qual ele afirma que “as razões estão enterradas”, parece resumir implacavelmente essa indagação. São várias as direções que apontam para caminhos muitas vezes sem saída, então busca-se chegar ao mais próximo das possíveis razões. Conforme as leis que regem o nosso Estado, “todos são inocentes até que se prove o contrário”. Nessa questão, todos podem ser inocentes ou todos podem ser culpados, e cada um deve buscar a sua redenção conforme a sua consciência. O que está enterrado provavelmente assim permanecerá e, embora algumas das pessoas que faziam parte da diretoria paroquial pudessem esclarecer esses eventos, essas pessoas acreditam nas suas verdades que consistem em assegurar que o que foi feito era a solução necessária e oportuna naquele momento.

⁴⁰ Entrevista com Theodoro Tedesco Neto. Erechim, 26 de abril de 2017.

4 CONCLUSÃO

A demolição da antiga Igreja Matriz de Erechim deixou uma dolorosa cicatriz na memória urbana e social desta cidade. Foi um crime contra o patrimônio edificado, contra o patrimônio imaterial e também contra os indivíduos, as famílias pioneiras que por mais de uma década se dedicaram a construir com sua fé e seu suor uma casa digna para orar e celebrar. A não preservação de prédios com relevante valor histórico foi e é recorrente em nossa sociedade, visto que há manipulação de certos setores nas esferas administrativas do município que são coniventes com a destruição do patrimônio edificado.

Ao longo deste trabalho, fundamentado nas pesquisas bibliográficas e nas entrevistas, foi possível estabelecer algumas considerações acerca da demolição da Igreja Matriz. Embora não haja um levantamento técnico especializado acerca das condições da estrutura da antiga Igreja, através dos relatos dos entrevistados, que foram enfáticos em lembrar que a Igreja precisou ser dinamitada diante da dificuldade encontrada para demoli-la, é possível considerar que a parte estrutural da antiga Igreja era sólida e não apresentava riscos de desmoronamento. Evidentemente, algumas rachaduras eram visíveis e também a parte de acabamentos estava comprometida, mas esse reparo poderia ter sido feito, assim como anos mais tarde, já na nova Catedral foram feitas reformas substanciais.

Outro aspecto digno de atenção, foram as circunstâncias da realização do plebiscito que sacramentou a condenação a Igreja Matriz. Os registros nos Livros Tombo 2 e 3 evidenciam que a decisão de demolir a Igreja já havia sido tomada muito antes de consultar a comunidade através do plebiscito. E a distribuição, votação e apuração dos “folhetos” que continham os votos foram descaradamente manipuladas.

Fica evidenciado que haviam interesses, econômicos, pessoais e políticos na demolição da Igreja Matriz. Algumas empresas, em especial, do ramo de construção civil e comércio de materiais de construção foram beneficiadas, pois a mão-de-obra para construção e fornecimento de materiais para a Catedral foi proveniente dessas empresas, sendo que os gestores dessas empresas faziam parte da diretoria da Paróquia São José. Aliado aos interesses econômicos também se destaca a necessidade de conquistar a notabilidade profissional no ramo arquitetônico, visto que a nova e moderna Catedral seria um marco e um diferencial das edificações na cidade de Erechim. Outro elemento motivador da demolição da antiga Igreja Matriz foi a ambição de instituir o bispado em Erechim. Era perceptível a aspiração de padres e de pessoas com notável sagacidade que atuavam diretamente na Paróquia São José em criar

uma Diocese. É comprovatório que o processo de demolição da Igreja Matriz e os trâmites de criação da Diocese ocorreram simultaneamente, portanto, era de interesse instalar a Diocese em uma nova Igreja. Pode-se conjecturar que houve uma fusão por parte de certos indivíduos envolvidos nas questões paroquiais, ou seja, havia interesses diversos, e cada qual apoiou as ambições de seus associados, desde que os seus projetos também tivessem aprovação.

Embora a memória social faça constantes referências acerca do ocorrido, é fato que pelo menos, até então, não há possibilidade de reconstruir a Igreja demolida, como há muitos anos atrás foi publicado: “O que está feito, está feito e não poderá ser remediado [...]” (JORNAL A VOZ DA SERRA, 17/05/1977). Entretanto, a idealização do minimuseu no subsolo da Catedral seria uma possibilidade de resgatar objetos que fizeram parte da antiga Igreja Matriz, e assim, preservar parte desse passado estraçalhado. Infelizmente esse projeto também encontrou obstáculos diante da negativa das pessoas em devolver os objetos que pertenceram à antiga Igreja.

É necessário, portanto, não apenas leis que regulamentem a preservação do Patrimônio Cultural, mas que a sociedade seja envolvida e conscientizada da importância de preservar o seu passado.

Para finalizar, espera-se que este trabalho sirva ao propósito de informar a quem mostrar interesse pelo assunto e quiser aprofundar o tema, e também para preservar uma centelha da memória do que representou para Erechim e seus habitantes o antes e o depois demolição da Igreja Matriz.

REFERÊNCIAS

- AINDA que em casa nova. **Jornal A Voz da Serra**. Erechim, 17 maio. 1977.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CASSOL, Ernesto. **Histórico de Erechim**. Erechim: CESE, 1979.
- CATEDRAL (SITE). Disponível em: <http://www.catedralsaojose.org.br/catedral2011/a-catedral>. Acesso em: 23 set. 2016.
- DUCATTI Neto, Antônio. **O Grande Erechim e Sua História**. Porto Alegre: EST, 1981.
- ERECHIM (Município). Lei nº 2595, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre o desenvolvimento urbano, zoneamento de uso do solo urbano e dá outras providências. Disponível em: http://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/files/empreendedor/2595_consolidada.pdf. Acesso em: 02 jun. 2017.
- FONT, Juarez M. Illa. **Serra do Erechim: tempos heroicos**. Erechim: Empresa Gráfica Carraro Ltda, 1983.
- FÜNFGELT, Karla. **As transformações da paisagem da área central e a falta de preservação da memória urbana da cidade de Erechim (RS)**. 2004. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88190/211966.pdf?sequence>. Acesso em: 22 set. 2016.
- GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization e Association e a Colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.
- KARNAL, Oscar da Costa. **Subsídios para a história do município de Erechim**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.
- LAGO, Mozart Luiz. **ENTREVISTA**. Erechim: Centro de Documentação e História Oral (mimeo), 2017.
- LEMOES, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MUNARETTO, Gelcy Salete Cerioli. **ENTREVISTA**. Erechim: Centro de Documentação e História Oral (mimeo), 2017.
- OINTENTA e um anos de uma trajetória fundada em fé e dedicação. **Jornal Diário da Manhã**. Erechim, 19, 20 agosto. 2000.

PARÓQUIA SÃO JOSÉ. **Livro Tombo 2**. Erechim: 1962 - 1969.

PARÓQUIA SÃO JOSÉ. **Livro Tombo 3**. Erechim: 1969 - 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. A Cidade: Sede de Sentidos. In: LIMA Filho, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane Felipe. (Org.) **Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 343-359.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TASSO, Chico, pseudônimo do Pe. Benjamim Busato. **Meu Erechim Cinquentão, Crônicas**. Erechim: Livraria Modelo, 1968.

TEDESCO Neto, Theodoro. **ENTREVISTA**. Erechim: Centro de Documentação e História Oral (mimeo), 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.